



UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CARLOS ALBERTO REYES MALDONADO
CAMPUS UNIV. DEP. EST. “RENÊ BARBOUR”
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO EM
CONTEXTO INDÍGENA INTERCULTURAL - PPGECH



ADIMA GOMES MARIO

ENSINO DE PORTUGUÊS NA ESCOLA KOMOMOYEA KOVÔERO A PARTIR DE
RECEITAS CÚLINARIAS TRADICIONAIS

BARRA DO BUGRES-MT

2025

ADIMA GOMES MARIO

**ENSINO DE PORTUGUÊS NA ESCOLA KOMOMOYEA KOVÔERO A PARTIR DE
RECEITAS CÚLINARIAS TRADICIONAIS**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Ensino em Contexto Indígena Intercultural da Universidade do Estado de Mato Grosso, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ensino em Contexto Indígena Intercultural.

Linha de Pesquisa: Ensino e Linguagens em Contexto Intercultural.

Orientadora: Profa. Dra.: Lucimar Luisa Ferreira.

BARRA DO BUGRES-MT

2025

Ficha catalográfica elaborada pela Supervisão de Bibliotecas da UNEMATCatalogação de Publicação na Fonte.
UNEMAT - Unidade padrão

M341e Mario, Adima Gomes.

ENSINO DE PORTUGUÊS NA ESCOLA KOMOMOYEA KOVÔERO A PARTIR DE
RECEITAS CÚLINARIAS TRADICIONAIS / Adima Gomes Mario. - Barra do
Bugres, 2025.

105f.: il.

Universidade do Estado de Mato Grosso "Carlos Alberto Reyes
Maldonado", Ensino em Contexto Indígena Intercultural/BBG-
PPGECII - Barra do Bugres - Mestrado Profissional, Campus
Universitário De Barra Do Bugres "Deputado Renê Barbour".

Orientador: Profa. Dra.: Lucimar Luisa Ferreira.

1. Ensino de língua portuguesa. 2. Receita culinária
tradicional. 3. Povo Terena. I. Ferreira., Profa. Dra.: Lucimar
Luisa. II. Título.

UNEMAT / MTSCB

CDU 371.13

ADIMA GOMES MARIO

**ENSINO DE PORTUGUÊS NA ESCOLA KOMOMOYEA KOVOÊRO A PARTIR DE
RECEITAS CULINÁRIAS TRADICIONAIS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Ensino em Contexto Indígena Intercultural – PPGECEI - da Universidade do Estado de Mato Grosso CARLOS ALBERTO REYES MALDONADO, *Campus* Univ. Dep. Est. “Renê Barbours” – Barra do Bugres - MT, como requisito obrigatório para a obtenção do título de Mestre em Ensino em Contexto Indígena Intercultural.

Aprovado (a) em 27 de março de 2025.

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente
 LUCIMAR LUISA FERREIRA
Data: 25/04/2025 10:48:24-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof^ª. Dr^ª. Lucimar Luisa Ferreira (PPGECEI/UNEMAT)

Orientador(a)

Documento assinado digitalmente
 REJANE CENTURION GAMBARRA E GOMES
Data: 30/04/2025 15:44:12-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof^ª. Dr^ª. Rejane Centurion Gambarra e Gomes (PPGECEI/UNEMAT)

Examinadora Interna

Documento assinado digitalmente
 LUCIANE SILVA DE SOUZA
Data: 08/05/2025 09:05:33-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof^ª. Dr^ª. Luciane Silva de Souza - Universidade Federal do Tocantins (UFT)

Examinadora Externa

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a toda a minha família Terena de Mato Grosso.

Tudo que foi aqui abordado sobre a culinária tradicional e seu ensino em sala de aula foi para enriquecer o conhecimento cultural dos meus alunos e de todos os alunos que um dia lerão nosso livro de receitas.

Pai e Mãe, esse trabalho é dedicado a vocês pela confiança e por me ajudarem em todas as etapas, me aconselhando e me aplaudindo em cada conquista.

Esposo Marco Aurelio Fidelis e filhos Laura Gomes e Lorenzo Xûnaty, vocês são minha inspiração diária. Ver vocês aprendendo e gostando dos pratos típicos que faço me motiva sempre a querer aprender mais para vocês terem uma comida saudável, lembrando sempre dos nossos antepassados.

Aos meus irmãos Adiane, Areli e Enzo Luan. Meus queridos, sei que posso contar com vocês em todos os momentos de minha vida.

À Escola Komomoyea Kovôero, pois sei que esse trabalho vai ser de muita relevância para todos os alunos e professores que nela trabalham.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por sempre estar ao meu lado em todos os momentos da minha vida, me ajudando e me fortalecendo.

Agradeço à minha orientadora Prof. Dra. Lucimar Luisa Ferreira, pela sabedoria com que me guiou durante essa etapa da minha vida.

Aos professores do PPGECH que contribuíram com o meu aprendizado durante as disciplinas presenciais na Unemat de Barra do Bugres.

À Escola Estadual Indígena Terena Komomoyea Kovôero e todo o corpo docente por me incentivarem e ajudarem a enriquecer meu trabalho com todos os conselhos sábios.

Agradeço às professoras Areli Mario Gomes e Sila Reginaldo, sem a colaboração de vocês não teria sido possível alcançar o resultado excelente, em que todos os alunos aprenderam de forma envolvente e participativa.

Aos meus alunos do 9º Ano do Ensino Fundamental, que se esforçaram ao máximo para produzirmos um trabalho lindo e significativo para minha vida e a vida deles.

Aos anciãos e anciãs Terena entrevistados, pela contribuição na pesquisa.

Ao Coordenador Raimundo Nonato por sua paciência e apoio sempre que solicitado.

Gostaria de deixar registrada também minha gratidão a todos os meus familiares, em especial meu esposo, meus pais e minhas irmãs, que me motivaram em todos os momentos de estudo. Acredito que sem esses incentivos seria difícil vencer mais esse desafio.

Agradeço a imensurável contribuição daqueles que se fizeram participantes ativos nesta jornada que se encerra.

*“Não desistir da nossa identidade é uma maneira de
honrar nossos ancestrais.”*

(Daniel Munduruku)

RESUMO

A presente dissertação traz uma discussão sobre o ensino de língua portuguesa a partir de receitas culinárias tradicionais do povo Terena. O estudo tem como objetivo ensinar a língua portuguesa através dos gêneros textuais: receita culinária, entrevista e reportagem, com a preocupação de fazer uma revitalização cultural da culinária tradicional do povo Terena de Mato Grosso. No trabalho, os alunos desenvolveram uma investigação sobre a culinária do povo Terena, na qual realizaram entrevistas sobre a alimentação tradicional, buscando informações pertinentes que os ajudassem a entender melhor como é o modo de preparo dos alimentos e também sobre os principais ingredientes que usam. A partir da investigação, sistematizaram diferentes receitas tradicionais e produziram reportagens sobre o cultivo e a colheita dos produtos usados nas receitas. As atividades foram realizadas a partir de sequências didáticas planejadas, desenvolvidas em sala de aula e avaliadas. Nessa prática, diferentes atividades de leitura, escrita e reflexão linguística foram realizadas, buscando favorecer a aprendizagem dos alunos. A pesquisa é fundamentada em autores que tratam de ensino de línguas e gêneros textuais. A metodologia é de abordagem qualitativa, com a utilização de várias técnicas de produção e coletas de dados. A partir da investigação sobre os alimentos e as atividades com as receitas culinárias, entrevista e reportagem, um livro de receitas culinárias tradicionais do povo Terena de MT foi organizado e será, posteriormente, disponibilizado na escola. O produto educacional será de muita relevância para a comunidade escolar, pois permitirá que os alunos repassem seus conhecimentos adquiridos na pesquisa, contribuindo com o fortalecimento cultural do povo.

Palavras-chave: Ensino de língua portuguesa. Receita culinária tradicional. Povo Terena.

ABSTRACT

This dissertation brings a discussion about the teaching of the Portuguese language from traditional culinary recipes of the Terena people. The work aims to teach the Portuguese language through textual genres: culinary recipe, interview and report, with the concern of making a cultural revitalization of the traditional cuisine of the Terena people of Mato Grosso. In the work, the students developed an investigation on the cuisine of the Terena people, in which they interview about traditional food, seeking pertinent information that helps them better understand how food is prepared and also about the main ingredients they use. From the investigation, they systematized different traditional recipes and produced reports on the cultivation and harvesting of the products used in the recipes. The activities were carried out based on planned didactic sequences, developed in the classroom and evaluated. In this practice, different activities of reading, writing and linguistic reflection were carried out, seeking to favor the students' learning. The research is based on authors who deal with the teaching of languages and textual genres. The methodology is qualitative, with the use of various production techniques and data collection. From the investigation on the foods and the activities with the culinary recipes, interview and report, a book of traditional culinary recipes of the Terena people of MT was organized and, later, will be made available at the school. This will be of great relevance to the school community, as it will allow students to pass on their knowledge acquired in research, contributing to the cultural strengthening of the people.

Keywords: Portuguese language teaching. Cooking recipe. Terena people.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Dia da colação de Grau, meu esposo, meu tio e eu.....	19
Figura 2 - Meus filhos e eu.	20
Figura 3 - Frente do prédio da escola Estadual indígena Terena Komomoyea Kovôero.	32
Figura 4 - Alunos escrevendo	62
Figura 5 - Alunos Jogando Quiz sobre o gênero entrevista	62
Figura 6 - Alunos lendo um texto sobre o que é agricultura Terena.....	63
Figura 7 - Entrevista como ancião Antônio Jorge.....	66
Figura 8 - Alunos jogando o quiz sobre o gênero reportagem.....	70
Figura 9 - Alunos jogando o quiz sobre o gênero reportagem.....	70
Figura 10 - Alunos jogando o quiz sobre o gênero reportagem.....	71
Figura 11 - Alunos assistindo a palestra do ancião Antônio Jorge em sala de aula.....	73
Figura 12 - Alunos entrevistando a anciã da aldeia Inamaty Marta Roberto.....	75
Figura 13 - Alunos escrevendo sua reportagem sobre o coité	75

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Perguntas elaboradas pelos alunos	64
--	----

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	13
Memorial Educacional Adima Gomes Mario.....	16
CAPÍTULO I	23
1.1 Breve histórico do povo Terena de Mato Grosso e a escola.....	23
1.2 Como eram cultivados os alimentos do povo Terena antigamente	24
1.3 Mandioca Xupú	27
1.4 Milho Sôporo.....	28
1.5 As propostas asseguradas em lei e um pouco da caminhada escolar Terena	29
1.6 Escola Estadual Indígena Terena Komomoyea Kovôero	30
1.7 Ensino de línguas na escola Komomoyea Kovôero	32
CAPÍTULO II	34
2.1 Concepções de linguagem e ensino de língua na escola	34
2.2 Concepções de linguagem.....	34
2.3 Ensino de línguas	35
2.4 Ensino de línguas no RCNEI	36
2.5 Gêneros textuais e ensino.....	41
2.6 Receita como gênero textual e aprendizagem da cultura terena	44
CAPÍTULO III.....	46
3.1 A prática de ensino de língua portuguesa na escola.....	46
3.2 Sequência didática e ensino de língua portuguesa	46
3.3 Sequência didática do gênero receita culinária	47
3.3.1 <i>Relatório do gênero textual receita culinária</i>	48
3.4 Sequência didática do gênero entrevista	57
3.4.1 <i>Relatório da sequência didática do gênero textual entrevista</i>	58
3.5 Sequência didática do gênero reportagem.....	67

3.5.1 <i>Relatório da sequência didática do gênero reportagem</i>	68
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	78
CONSULTORES INDÍGENAS	81
REFERÊNCIAS.....	82

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa trata do ensino de língua portuguesa na Escola Estadual Indígena Terena Komomoyea Kovôero, a partir de receitas culinárias tradicionais do povo Terena de Mato Grosso. Esta escola está localizada na aldeia Kuxonety Poke'ê, há aproximadamente 200 km de distância de Matupá - MT. Visto a preocupação da escola com o resgate e fortalecimento da cultura tradicional, a pesquisa tem o propósito de ajudar os estudantes do 9º Ano do Ensino Fundamental a melhorar a leitura e escrita em língua portuguesa por meio dos gêneros textuais: receita culinária, entrevista e reportagem.

A culinária tradicional do povo Terena é pouco conhecida pelas crianças e jovens da comunidade, mesmo sendo alimentos simples que já foram muito utilizados pelas pessoas mais velhas. O modo de preparo e o nome são pouco mencionados, às vezes por falta de interesse dos jovens em querer saber ou até mesmo aprender devido ao hábito de consumir alimentos industrializados.

Na comunidade Terena, a educação das crianças e sua socialização começam na família, com o ensinamento dos pais. As histórias são contadas pelos mais velhos e por outros meios disponíveis na comunidade. Antigamente, um método muito valorizado de aprendizado envolvia os pais ensinando aos filhos sobre a vida cotidiana e todos os aspectos da cultura. As meninas aprendiam a cuidar da casa, enquanto os meninos eram instruídos sobre como prover a família através do plantio, que sempre foi o principal meio de sobrevivência do povo Terena. Hoje, a realidade é diferente: todos se ajudam e, independentemente do gênero, as crianças desde pequenas aprendem um pouco de tudo. A escola reforça o conhecimento adquirido em casa, e mesmo que os alunos não tenham aprendido diretamente com seus pais, sempre haverá alguém na comunidade disposto a compartilhar ensinamentos culturais. Durante nossa pesquisa, os alunos aprenderam, experimentaram os alimentos tradicionais e tiveram a oportunidade de trocar experiências com os anciãos da aldeia, compreendendo e valorizando ainda mais o conhecimento único sobre as histórias e significados dos alimentos.

A escolha do gênero textual receita culinária para esta pesquisa surgiu da preocupação com o ensino de língua portuguesa aos alunos Terena do Ensino Fundamental e da necessidade de valorizar a cultura alimentar do povo. No desenvolvimento da experiência com receitas culinárias na sala de aula, foi necessário incluir os gêneros entrevista e reportagem. O trabalho com os gêneros receita culinária, entrevista e reportagem proporcionou a realização de atividades de leitura e escrita mais significativas para os alunos, possibilitando melhoria no

desenvolvimento da compreensão sobre a língua portuguesa. O trabalho de leitura e escrita a partir de textos que tenham conteúdo relacionado aos aspectos culturais específicos pode ajudar a formar leitores mais participativos e comunicativos.

O gênero receita culinária, segundo o RCNEI - Referencial Curricular Nacional para Educação Escolar Indígena (Brasil, 1998), pode ser usado para ensinar línguas na escola indígena. A receita é um gênero que explica como fazer uma comida, seguindo etapas bem determinadas. Desse modo, foi possível propor um trabalho de ensino de língua portuguesa de forma interdisciplinar, usando as receitas da culinária tradicional. Com o gênero receita culinária, os alunos, os professores e a comunidade podem juntos realizar um trabalho prazeroso, contribuindo para o conhecimento mais aprofundado a respeito da alimentação tradicional do povo Terena de Mato Grosso. Ao complementar a compreensão sobre o tema alimentação tradicional, o trabalho com os gêneros entrevista e reportagem contribuiu com a busca de informações e sua sistematização, uma vez que com as entrevistas os alunos obtiveram mais informações sobre os alimentos e seus modos de preparo, e com as reportagens organizaram esses conhecimentos.

As práticas alimentares, legado dos mais velhos, marcam as histórias e sabores que podem ser únicos e levados para a vida de qualquer pessoa. A comida sobre a qual investigamos se não lembrada, pode desaparecer. Segundo Baniwa (2006), apesar da alta consciência indígena e das leis mais favoráveis à proteção dos conhecimentos tradicionais, os conhecimentos que antes passavam de geração a geração, hoje estão desaparecendo. A memória tradicional pode agregar sempre mais informações, por isso a importância da pesquisa de campo relacionada aos saberes tradicionais. Pensando sobre isso, a problemática que norteou esta pesquisa foi a seguinte: Como a receita culinária da alimentação do povo Terena MT pode ser usada para ensinar português aos estudantes do 9º Ano do Ensino Fundamental, proporcionando melhora da leitura e da escrita?

A partir desta problemática, o objetivo desta pesquisa foi ensinar língua portuguesa e promover a valorização do conhecimento da culinária tradicional do povo Terena, integrando aspectos culturais, históricos e linguísticos. Além do objetivo geral, também elencamos alguns objetivos específicos: conhecer o gênero textual receita culinária oral e escrito; propiciar aos educandos um aprendizado significativo através de pesquisas e entrevistas, despertando neles o conhecimento sobre a culinária tradicional e, a partir da prática de sala de aula, produzir um

livro de receitas culinárias que será disponibilizado na biblioteca da escola para o acesso de todos.

A fundamentação teórica está baseada em autores que discutem o ensino de línguas e gêneros textuais. Marcuschi (2002) vê os gêneros textuais como ferramentas essenciais para o ensino da língua, pois eles estão profundamente conectados às práticas sociais e comunicativas. No ensino, Marcuschi propõe que o foco nos gêneros textuais ajuda os alunos a entenderem as funções e a estrutura dos textos que encontram no dia a dia, promovendo uma aprendizagem mais significativa e contextualizada da língua. Já Brandão (2011) entende que os textos e os gêneros do discurso desempenham papel central no ensino, pois são elementos concretos que permitem ao aluno compreender a linguagem em seu uso social. A partir destes pensamentos construímos a base do que são os gêneros e como podemos utilizá-los no ensino de língua portuguesa na sala de aula. Essa perspectiva é apontada pelo RCNEI como sendo necessária para um efetivo ensino de línguas nas escolas indígenas.

A metodologia está fundamentada na abordagem qualitativa (Minayo, 2001) com a utilização de várias técnicas para coletas de dados. O viés de aplicação teórica se desenvolve com revisão bibliográfica, bem como nas etapas das entrevistas e busca de informações livres sobre as receitas tradicionais, e no desenvolvimento das sequências didáticas.

O primeiro passo foi coletar informações sobre as receitas por meio de entrevistas com os anciões e conversas gerais com caciques, professores atuantes na escola e alguns alunos que conhecem ou já provaram os alimentos tradicionais do povo Terena. Na obtenção das informações necessárias sobre a culinária, várias atividades foram realizadas em sala de aula para ensinar língua portuguesa a partir dos gêneros textuais: receita culinária, entrevistas e reportagem, por meio de sequências didáticas. A partir da compreensão dos gêneros propostos e materiais produzidos na sala de aula, um livro de receitas culinárias tradicionais foi organizado (Produto Educacional) e também ilustrado pelos alunos.

No primeiro capítulo desta dissertação, trazemos um breve histórico sobre o trajeto do povo Terena de Rondonópolis até a aldeia Kopenoty e sobre a aldeia Kuxonety Poke'é. Mostramos também como é o espaço físico da escola Komomoyea Kovôero e relatamos como eram cultivados os alimentos mais consumidos pelo povo Terena antigamente. Ainda neste capítulo contamos um pouco do processo da educação escolar do povo Terena.

No segundo capítulo, apresentamos os aspectos teóricos sobre ensino de língua e gêneros textuais. Construímos um diálogo muito rico entre os autores que tratam de gêneros textuais, concepções de linguagem e como estes assuntos se relacionam na perspectiva do ensino. Também elucidamos o ensino de línguas como é tratado no RCNEI e, por fim, tratamos de receita culinária como gênero textual e aprendizagem da cultura Terena.

No terceiro capítulo, trazemos o relato da experiência de ensino de língua portuguesa desenvolvida na sala de aula da escola da aldeia. Relatamos detalhadamente cada sequência didática com suas atividades de oralidade, leitura e produção escrita. Destacamos como as aulas foram base para a produção do Produto Educacional, que é um livro de receitas culinárias denominado “Saberes e sabores da culinária tradicional - povo Terena -Mato Grosso”. Descrevemos como foi cada aula e cada construção de conhecimento a partir dos gêneros textuais apresentados aos alunos.

Memorial Educacional Adima Gomes Mario

Meu nome é Adima Gomes Mario, tenho 29 anos de idade. Nasci em Dois irmãos do Buriti, Mato Grosso do Sul, no dia 01 de fevereiro de 1995. Sou professora formada em Letras Português/Espanhol e atuo na Escola Indígena Komomoyea Kovôero.

Sou primogênita de Antônio Mario e Luciana Gomes Reginaldo. Quando nasci, tive vários problemas de saúde, minha mãe sempre conta diversas situações de apuros da parte dela como mãe ao me levar aos hospitais por me ver passando mal por alguma infecção ou alguma virose. Morávamos na aldeia Recanto em Mato Grosso do Sul. Minha mãe me cuidou praticamente sozinha, pois na época meu pai saía para trabalhar fora de casa, às vezes muito longe. Porque ele não tinha estudo, fazia trabalhos manuais em fazendas onde solicitavam um grupo de pessoas da aldeia. Em dezembro de 1998, minha mãe nos trouxe para Mato Grosso onde já tinha mais duas irmãs, Adiane com 1 ano e Areli com 6 meses de idade.

Minha infância toda foi em Mato Grosso, e foi maravilhosa mesmo que na época meus pais estivessem em protesto nas ruas juntamente com alguns guerreiros Terena em reivindicação por um pedaço de terra para morarmos e plantarmos. Na época, lembro de brincar em montes de terra, de correr em supermercados, de dormir numa casa onde tinha apenas dois cômodos, um era o quarto e o outro uma sala junto com a cozinha. Tenho poucas lembranças da minha infância, mas toda vez que penso nela, tenho um sentimento de paz e

muita alegria de estar onde estamos hoje. Minha mãe conta que sofremos muito na estrada, e às vezes quando estávamos dormindo, formigas nos incomodavam. Ela nos acordava para esperar as formigas passarem e podermos dormir novamente. Então, foram dias difíceis, mas lembro somente de coisas boas, acredito ser o amor e a proteção que meus pais sempre nos passaram quando éramos crianças e até hoje.

Aos meus 4 anos de idade começou minha jornada escolar, minha mamãe conta que eu era uma criança muito esforçada e aplicada, e diz que nunca me ensinou o alfabeto e nem as sílabas, eu ia aprendendo aos poucos. Comecei a acompanhar as aulas onde meu tio Timóteo era o professor, eu ia por vontade própria e, às vezes, voltava carregada porque dormia em sala de aula. Aos 5 anos de idade, minha mãe se assustou quando me viu lendo, inexplicavelmente sem nenhuma cobrança da parte dela. Na época, morávamos na aldeia Campo Novo (Rondonópolis - MT).

Quando iniciei minha jornada escolar (dessa vez já matriculada), gostava bastante da rotina e sempre me propus aprender mais e mais a cada dia. Lembro também de ajudar meus coleguinhas que tinham dúvidas (acredito que aí nasceu o amor à minha profissão). O nome da minha primeira escola foi Rio Vermelho, escola que funcionava como Sala Anexa de uma cidade próxima ao lugar onde ficávamos em Rondonópolis.

Ao iniciar minha jornada escolar tive dois professores, Timóteo Reginaldo Gomes e Fernando Mamedes, cada um com sua peculiaridade. Meus colegas de sala sempre foram os mesmos, minhas primas(os) e amigos, conheço todos e convivo com a maioria até hoje. Depois desses 2 anos estudando, recebemos a notícia de que ganhamos uma terra num lugar que chamavam de Iriri, mas como era época de chuva, nos cederam um lugar numa vila chamada União do Norte onde fiz o ciclo, na época chamada de 2ª série. Em União do Norte, a primeira escola onde estudei era anexa da escola Vida e Esperança, que era de uma vila chamada União do Norte, próxima ao lugar onde nos alojamos quando chegamos. O lugar era um barracão enorme dividido em partes para as famílias se acomodarem, e lá mesmo foram administradas as aulas durante um ano. Depois, mudamos para a Vila Kopenoty onde ficamos mais ou menos um ano anexos, quando criaram uma escola diferenciada para nós indígenas chamada Hélio Turi Rondon Terena. Lá, estudei até quase terminar minha jornada escolar, para ser mais exata, até o 2º ano do Ensino Médio.

Desde sempre estudei em escolas indígenas. Em toda minha jornada escolar, do Ensino Fundamental ao Médio, tive apenas dois professores que não eram indígenas e que ministraram aula no Ensino Médio, professor Amaurí Olímpio e professora Roseli Carbolin eram maravilhosos. Terminei o Ensino Médio aos 16 anos de idade na escola da aldeia Turipuku, anexa da escola onde hoje trabalho, Escola Estadual Indígena Terena Komomoyea Kovôero,. Me orgulho em dizer que nunca houve reclamações aos meus pais por parte dos professores com relação ao meu aprendizado e nem por mau comportamento. Ao contrário, meus pais só ouviam elogios ao meu respeito, ao meu desempenho e minha vontade de aprender. Na aldeia Turipuku tive apenas dois professores, Micael e Mateus, e os dois se esforçavam muito para o ensino de qualidade, ainda que as condições na época eram precárias. A escola onde estudava era de palha e quando chovia não tínhamos aula porque molhava muito a sala, mas foi o meu último ano como estudante.

Minha formatura também foi inesquecível, digo orgulhosamente que me formei usando minha roupa indígena, roupa essa que até hoje valorizamos em nossa escola, foi um dia muito chuvoso, mas para mim era o final de uma etapa da minha vida que eu tinha vencido.

Ao terminar o Ensino Médio, não sabia muito bem o que queria estudar e foi então que pedi ao meu pai que pagasse um cursinho de inglês. Ele se dispôs e me disse que faria o possível para me ajudar. Comecei o cursinho na Escola de Idiomas Fisk em Peixoto de Azevedo-MT. Estudei um ano apenas e, infelizmente, não concluí devido à falta de condições de pagamento por parte de meu pai. Depois dessa experiência maravilhosa, me deram uma oportunidade de serviço na aldeia Kopenoty no ano de 2015, onde comecei minha jornada como professora ministrando somente aula de inglês, com apenas 9 horas em sala de aula. Nesse mesmo ano iniciei minha jornada acadêmica. Alguns indígenas Terena de Mato Grosso e eu ganhamos bolsa de 100% para estudarmos numa faculdade privada de Guarantã do Norte, UNIFLOR, agora nomeada UNIFAMMA. Ganhamos bolsa para o curso de Letras, Pedagogia e Administração, foi então que comecei o curso de Letras. Fiquei um ano trabalhando na aldeia Kopenoty.

No ano de 2015 conheci meu esposo, namoramos e começamos a jornada acadêmica juntos (na época ele era soldado). No ano de 2016 me deram a oportunidade de trabalhar na aldeia Kuxonety baixo Xingu na Escola Estadual Indígena Terena Komomoyea Kovôero. Passado um ano estudando e trabalhando, engravidei do meu primeiro filho, foram momentos

difíceis, pois a viagem da aldeia para cidade era longa. Mas, graças a Deus, deu tudo certo, meu filho nasceu e hoje é um menino lindo e saudável.

Em dezembro de 2018 concluí a faculdade depois de muitos desafios. Todos os sábados, saíamos às 2h da madrugada da aldeia para chegarmos lá às 8h e de lá voltávamos às 17h30 da tarde para chegar em casa novamente. Quando a viagem era boa, ou seja, quando não tínhamos nenhum imprevisto como chuva, caminhão tombado na estrada ou pneu furado, chegávamos às 23h na aldeia. Foram 4 anos nessa rotina de ir e vir todos os sábados para Guarantã do Norte. As idas para a faculdade eram bem difíceis e nosso salário era pouco na época, não dava para pagar a gasolina para ir e vir todos os sábados. Contávamos com a ajuda da comunidade, a generosidade das pessoas e, algumas vezes, vaquinhas entre nós mesmos para conseguirmos estudar. Foram três anos assim, mas graças ao bom Deus conseguimos concluir. Meu esposo Marco Aurelio Fidelis Pereira, tio Timóteo Reginaldo Gomes, primo Edmilson e eu colamos grau em dezembro de 2018.

Figura 1 - Dia da colação de Grau, meu esposo, meu tio e eu



Fonte: Acervo pessoal (2018).

Logo após a faculdade, fiz uma Pós-Graduação em Didática e Teoria de Aprendizagem por 1 ano na faculdade UNIFAMMA. Foi outra experiência maravilhosa onde aprendi mais sobre vários métodos para ajudar no processo escolar dos meus alunos. Em 28 de fevereiro de 2021, ganhei meu segundo presente de Deus, minha filha Laura Gomes Pereira que hoje está com 3 anos de idade, uma menina saudável e linda.

Figura 2 - Meus filhos e eu.



Fonte: Acervo pessoal (2021).

Três anos depois da minha formação, decidi fazer um projeto para tentar uma vaga no mestrado PPGCEII por incentivo dos meus pais. Eles sempre me motivaram a crescer profissionalmente e em todas as conversas que temos, eles exaltam a importância do estudo. Meu pai afirma que conhecimento nunca é demais, inclusive quem me mandou o edital foi meu pai, ele recebeu em um grupo de *WhatsApp*. Tive dificuldades para escolher um tema para o projeto, mas consegui com a ajuda da minha tia Telma Reginaldo Gomes. Numa conversa pelo *WhatsApp*, ela me falou sobre a culinária do povo Terena. Tive um momento de reflexão e relembrando todos os momentos culturais aqui em Mato Grosso onde cresci, tive apenas um momento da minha vida que foi na minha pré-adolescência em uma certa ocasião na escola Élio Turi Rondon Terena (Aldeia Kopenoty) que um professor fez um projeto com os alunos, na

época do Ensino Médio, onde fizeram alguns pratos típicos da comida tradicional Terena para degustação de todos. Essa foi a minha única lembrança de ter experimentado um prato feito tipicamente tradicional. Foi nesse contexto que surgiu a ideia de fazer um projeto para revitalizar o hábito alimentar do povo Terena adequando-o ao nosso estado atual, Mato Grosso.

Não está sendo fácil motivar e aprender sobre a comida típica devido a nossa terra de origem ser Mato Grosso do Sul, mas com fé em Deus vou conseguir. Quero aprender para ensinar meus filhos para que eles possam repassar a minha experiência e aprender, porque a comida tradicional é feita de alimentos saudáveis, e hoje em dia as crianças e os jovens estão valorizando muito alimentos industrializados.

Ser aprovada no mestrado PPGCEII foi uma grande surpresa para mim. Na primeira etapa, quando mandamos o projeto e os documentos pessoais, não consegui enviar um documento que comprovasse meu tempo de atuação como professora, minha internet é muito lenta e moro longe da cidade, e quando pedimos demorou de 3 a 4 dias para o secretário nos entregar. Como era a minha primeira vez, deixei para enviar tudo na hora e quando me dei conta, faltava o documento e foi aí que entreguei nas mãos de Deus. Comentei com meu marido e ele disse para eu fazer mesmo assim, se aceitassem bem, se não tentaria na próxima. Eu fiz, e mesmo faltando o documento, consegui concluir minha inscrição. No dia em que saiu o resultado, minha tia Raquel veio aqui em casa e me disse que tinha visto meu nome como classificada para a banca e eu fiquei tão feliz, pois já não tinha mais esperança de ser aceita neste ano. Olhei e comprovei que meu nome estava lá. Fiquei tão feliz que estudei ainda mais meu projeto para me sair bem na banca, pois ali dependia só de mim. Graças ao bom Deus, consegui. No dia da banca fiquei nervosa, mas tentei me calmar e apresentei meu trabalho. Os professores foram muito gentis e me deixaram bem à vontade. No dia que iam divulgar a lista dos aprovados, eu estava bem nervosa, ficava só olhando no *site*, até que à meia noite saiu o resultado e meu nome estava entre os classificados. Fiquei muito feliz, mandei mensagem para minhas irmãs, meus pais, minha tia Raquel, todos me parabenizaram e disseram estar felizes e acreditavam na minha capacidade. Meu marido me parabenizou também e disse que faria o possível para me ajudar e que eu ia vencer mais essa etapa da minha vida.

Estudar no Mestrado Profissional, em uma Instituição Pública, aliás o único da UNEMAT aprovado pela CAPES, é um sonho realizado. Sempre tive vontade de estudar na Unemat de Barra do Bugres, pois sempre ouvi maravilhas sobre os professores. Os alunos da Unemat comentam sobre entrar na instituição e ter uma visão muito abrangente sobre o fato de

ser indígena e trabalhar com indígenas. Hoje posso dizer que valorizo ainda mais a minha cultura, estou aprendendo mais sobre meus direitos como professora indígena e sobre a educação escolar indígena.

Ser professora para mim é ser um pouco de várias pessoas, quando digo várias pessoas lembro de uns alunos me chamando de “Vó”, “mãe”, “pai”. A gente sorri sempre juntos! Também tenho momentos de estresse com eles, mas não saberia ter outra profissão. Ser professora é minha vida, minha profissão é meu orgulho. Trabalhar ministrando aulas para meus parentes é uma honra, na escola tenho primas (os), tenho sobrinhos (as) e meu filho que ainda está no primeiro ciclo do Ensino Fundamental. Ver meus parentes crescerem é uma motivação, dei aula para alguns alunos que hoje fazem faculdade, vê-los crescendo me anima, porque um pouco de mim está indo com eles. Então, digo e confirmo não saberia ser outra coisa a não ser professora. Minha mãe também é professora, uma excelente profissional mesmo tendo estudado apenas o magistério, que, por sinal, teve aulas com professores excelentes. Ela é uma mulher que se dedica em tudo que faz, ela me inspira e motiva.

Antes de entrar no PPGCII, eu não tinha noção de como era o funcionamento da educação escolar indígena, sempre trabalhei usando materiais didáticos e apostilas disponibilizados a nós pelo Estado. Não entendia como a cultura ensina melhor as nossas crianças.

Trabalhamos sempre com várias etnias, crianças que vivem em sua aldeia e ainda tem sua cultura bem forte e presente. Esses dois anos estudando no Mestrado Indígena me fizeram crescer muito como profissional. Trabalhei culinária tradicional que para os nossos parentes Kayapó e Panará é natural, já para nossos alunos Terena é algo novo, pois, como já disse, aqui se consome muita comida industrializada. Nesta experiência, estudamos a parte teórica e a prática de três gêneros textuais Receita culinária tradicional, entrevista e reportagem. Os alunos disseram gostar muito e quando faço perguntas sobre os gêneros eles sempre respondem bem oralmente. Assim, o aprendizado tornou-se mais significativo para a vida deles e juntos puderam aprender mais com os mais velhos entrevistados e na parte da escrita da reportagem.

CAPÍTULO I

1.1 Breve histórico do povo Terena de Mato Grosso e a escola

No ano de 1998, um grupo de indígenas Terena do Mato Grosso do Sul liderados por Milton Rondon (*in memorian*) e Cirenio Reginaldo Francisco vieram para Mato Grosso em busca de Terras para seu sustento e de suas famílias. Esse grupo de indígenas Terena fechou a BR-163 por anos até conseguir chamar a atenção de lideranças nacionais, com muita fé e a esperança de conseguir mudar de vida porque onde moravam já estava ficando pequeno para o crescimento populacional do povo e a terra já não sustentava a todos. Em meio a muitos desafios encontrados nessa trajetória de lutas, o povo Terena nunca, em nenhum relato já ouvido, disse ter passado fome. Porém, com a proximidade da cidade e o contato com não indígenas, o povo foi, aos poucos, deixando o hábito de preparar os alimentos tradicionais e passando a se alimentar mais de comidas industrializadas, compradas em mercados próximos aos lugares onde estava alojado.

Quando conseguiram finalmente ir para o Norte de Mato Grosso, chegaram ao município de Peixoto de Azevedo e ficaram alojados em União do Norte, local que ainda não era o destino, mas na época não conseguiam acesso porque a estrada em tempo de chuva virava atoleiro. Grande parte dos guerreiros que lutaram na BR se cansou e por descrença de realmente haver um lugar para morar, resolveu voltar e desistir de chegar até o destino. Nesse sentido, não foi fácil chegar até o Iriri, e por conta disso foi criada uma aldeia perto da Vila União do Norte e que recebeu o nome de Aldeia Kopenoty, onde foram feitas casas de alvenarias, uma para cada família que ainda continuava ali na luta para chegar ao destino.

No final do ano de 2004, um grupo de pessoas fez compra para passar o mês e foi animado conhecer e tentar contato com a terra do Iriri, mas infelizmente não conseguiu chegar devido ser época de chuva. Nesse período, o único caminho para chegar até a reserva era o rio, e na época de chuva o rio enche muito. Como era alvo de animais e insetos, o grupo resolveu voltar e tentar chegar à reserva numa época da seca. Aristides Gomes conta que na segunda tentativa vieram com intuito de fazer uma aldeia nova, por volta de 2005. Foram entre cinco pessoas, que são: Antônio Jorge (ancião), Alvarino (*in memorian*), Timóteo, Pedro e Aristide Gomes (ancião). Quando passaram pela estrada, chegaram até uma parte do rio que é chamada de bucha. Ao chegarem lá, estava garoando, atravessaram com carro da equipe de saúde e foi então que aconteceu o inesperado. Quando estavam passando entre meio ao córrego, tinha uma

árvore caída na estrada e foi aí que largaram no chão todo o alimento coberto de lona que estavam trazendo, e seguiram viagem a pé levando o suficiente apenas para cozinhar na janta. O senhor Aristide foi quem furou um poço, depois de tempos bebendo água do córrego, junto aos demais que vieram e trouxeram sua família. Na época, todos tinham um barraco que foi feito de maneira comunitária, coberto com palha e lona, e que no tempo de chuva alagava principalmente para quem morava na beira do rio. Quando iam para a cidade, às vezes, levavam o dia inteiro para chegar devido à estrada ser de difícil acesso e esburacada. Foram anos até conseguirem um poço artesiano.

Com relação ao nome da aldeia, Kuxonety Poke' é foi o nome escolhido pelo ancião Antônio Jorge. Ele conta que pensou muito em relação aos nomes e que a terra foi muito esperada e várias pessoas importantes na época prometeram, então, estar ali foi uma promessa e justo foi colocar Terra Prometida/terra esperada, que traduzida na língua materna Terena é Kuxonety poke' é.

Atualmente, a área demarcada dos Terena em Mato Grosso é de 30.000 hectares, e 21.000 hectares das terras da gleba Jarinã ainda estão em processo de reivindicação, área atualmente ocupada por fazendeiros. Na reserva indígena do Povo Terena de Mato Grosso, pertencente ao município de Matupá, há três aldeias: Aldeia Turipuku, Aldeia Inamaty e Aldeia Kuxonety poke' é. Há uma escola central na aldeia Kuxonety poke' é, e todas as outras das demais aldeias são anexas. O nome da escola é Komomoyea Kovô'ero, pertencente ao povo Terena – MT, uma escola diferenciada que atende às necessidades da revitalização da cultura e costumes do povo Terena.

1.2 Como eram cultivados os alimentos do povo Terena antigamente

O povo Terena é conhecido por ser um povo agricultor. Então, desde sempre carrega consigo o hábito do plantio para sua sobrevivência, sendo até mencionado por Bittencourt; Ladeira (2000) por alimentar os soldados durante a guerra do Brasil e Paraguai.

O cultivo de alimentos pelo povo Terena no passado era baseado em técnicas agrícolas tradicionais, sustentáveis e adaptadas ao meio ambiente. Essas práticas eram transmitidas de geração em geração e seguiam o ciclo natural das estações, garantindo a preservação dos recursos naturais e a segurança alimentar da comunidade. A agricultura dos Terena estava profundamente conectada à sua cosmovisão, onde o respeito pela terra e pelos ciclos naturais era fundamental.

O principal método de cultivo utilizado pelos Terena era o sistema de roça. Esse sistema consistia em desmatar pequenas áreas de mata para o plantio de diversas culturas, como milho, mandioca, feijão e abóbora. Após a colheita, essas áreas eram deixadas em pousio (descanso) por alguns anos para que o solo pudesse se regenerar. Durante esse período, outras áreas eram desmatadas e cultivadas, garantindo que os recursos naturais não fossem esgotados e que o solo permanecesse fértil. A rotação de culturas era uma prática comum, pois ajudava a evitar o esgotamento do solo e a proliferação de pragas. Além disso, as plantações eram diversificadas, o que permitia que a comunidade tivesse acesso a diferentes tipos de alimentos ao longo do ano.

Antigamente as coisas eram bem mais difícil que hoje em termos de maquinários, nós tínhamos que destocar a roça ainda bem que lá na nossa região era cerrado, não era como essa mata grossa aqui mas tinha lugar que era muito fechado, então era feito a destoca com picareta enxadão Machado, cavucando em volta dos toco para poder arrancar ai depois ainda desgallar cortar com machado não tinha motor serra na época era só machado foice e facão ai depois que terminava de destocar levava um tempo para poder juntas as calheiras para depois queimar que não quase tinha maquinas naquela época era muito raro vermos trator então era tudo no enxadão, enxada foice não usávamos muito facão, quando era destoca começava juntar os tocos faz aquelas montoeira de toco raiz pauleira para poder queimar depois, quando era roçada assim mata fechado roçava mês de julho e Agosto já tava derrubado com machado depois ai ia queimar, queimava mês de agosto ai depois das queimadas já começava a chover e assim era feito o processo de lavourinha que tínhamos naquela época. (Ancião Terena Antônio Jorge, Aldeia Kuxonety. 2024)

Os Terena também utilizavam o que hoje conhecemos como sistemas agroflorestais. Nesse modelo, eles plantavam suas culturas junto com árvores frutíferas e outras espécies vegetais, mantendo a diversidade ecológica. Ao combinar árvores, plantas de ciclo longo e culturas alimentares, eles garantiam a sustentabilidade do sistema agrícola, e isso permitia uma produção contínua de alimentos e a manutenção de um ambiente equilibrado. A policultura (cultivo de várias espécies de plantas no mesmo espaço) era uma prática comum, por exemplo, a mandioca era plantada junto com milho, abóbora e feijão, o que ajudava no controle de pragas e na manutenção dos nutrientes do solo. Cada planta tinha um papel no equilíbrio do ecossistema agrícola.

O plantio dos alimentos era sincronizado com o ciclo das chuvas, garantindo que as plantas recebessem água suficiente para crescer. O início da estação chuvosa, por exemplo, marcava o momento de preparo da terra e de plantio. O conhecimento ancestral dos Terena sobre os padrões climáticos e as condições do solo era fundamental para o sucesso das colheitas, eles sabiam quando era o momento certo de plantar cada cultura, como milho, mandioca e

batata-doce, de acordo com a época de maior disponibilidade de água e as condições ideais de temperatura. Esse conhecimento vinha de observações detalhadas da natureza e era passado de geração em geração.

O cultivo de alimentos era uma atividade coletiva entre os Terena, as famílias trabalhavam juntas no preparo da terra, no plantio, na colheita e no processamento dos alimentos. Esse trabalho em grupo fortalecia os laços comunitários e assegurava que todos tivessem acesso aos alimentos produzidos. A divisão de tarefas entre os membros da aldeia fazia parte da organização social Terena, e cada pessoa tinha um papel específico nas atividades agrícolas. Além disso, as colheitas eram celebradas com rituais e festas, onde a comunidade se reunia para agradecer aos espíritos pela fartura e celebrar a vida em conjunto. Essas celebrações reforçavam o senso de pertencimento e a conexão com a natureza.

Depois da colheita, os Terena utilizavam técnicas tradicionais para conservar e armazenar os alimentos. Parte da colheita era imediatamente consumida, mas uma boa quantidade de alimentos, como a mandioca e o milho, era processada para durar mais tempo. A mandioca, por exemplo, era transformada em farinha, o que permitia que fosse consumida ao longo de meses. O milho também era armazenado seco para ser utilizado posteriormente. Essas técnicas de conservação eram importantes para garantir a segurança alimentar durante períodos de escassez ou de clima desfavorável para o cultivo. Além disso, a produção e o armazenamento de alimentos permitiam que os Terena tivessem produtos para trocas com outras comunidades.

O conhecimento ecológico dos Terena era profundo e abrangente. Eles sabiam como identificar as melhores áreas para o plantio, quais plantas cresciam bem juntas e como proteger suas culturas de pragas de forma natural. Esse conhecimento estava enraizado em uma relação de respeito com o ambiente, onde a terra era vista como um ser vivo que precisava ser cuidado e preservado. Os Terena não apenas cultivavam alimentos, mas também colhiam frutos, raízes e plantas medicinais da floresta ao redor. Isso fazia parte de um sistema de subsistência equilibrado, em que a natureza fornecia o necessário para a vida, e a comunidade se esforçava para manter esse equilíbrio.

Naquela época hoje nem vê mais plantávamos batata, cará, araruta, inhame, mandioca milho e batata e feijão miúdo feijão de corda ai depois começamos a plantar arroz também porque o arroz exige uma terra maior e mais preparada.” (Ancião Terena Antônio Jorge, Aldeia Kuxonety Poke’é, 2024.)

O cultivo de alimentos pelo povo Terena antigamente era um sistema baseado na sabedoria ancestral e na sustentabilidade. Utilizando a rotação de culturas, a policultura e a integração com o ambiente natural, eles garantiam a produção de alimentos para toda a comunidade, ao mesmo tempo em que preservavam a terra para as gerações futuras. A prática agrícola era parte integrante de sua cultura e identidade, reforçando a conexão com a natureza e os valores comunitários.

1.3 Mandioca Xupú

A mandioca é uma planta de crescimento perene e tem grande valor nutricional que ajuda no fortalecimento do corpo humano. A mandioca é um alimento tradicional muito importante para o povo Terena que, desde muito tempo, é plantado para sustento do povo. Conta a narrativa mitológica que tudo que aprenderam sobre o cultivo foi ensinado por um homem chamado Urekayuvakai.

Urekayuvakai separou cada um para seu lado, eram gente de todas as raças. Como o mundo era pequeno, Urekayuvakai aumentou para caber todos. Antes das pessoas irem cada um para seu lado, Urekayuvakai ensinou tudo o que era preciso para sobreviver na terra: ensinando a roçar e plantar, e para isso deu carocinho de feijão, milho e também raiz de mandioca, ensinou a maneira certa de plantar [...] (NJE'A, 2016, p.28)

A mandioca é uma planta resistente e adaptável e seu cultivo entre os Terena segue métodos tradicionais de agricultura sustentável. O plantio de mandioca é feito em roças, geralmente em áreas de mata, seguindo o sistema de rotação de culturas que preserva o solo. Os Terena dominam técnicas para o cultivo de mandioca, transmitidas oralmente entre as gerações, e esse saber garante a produção de alimentos durante todo o ano.

O processo de cultivo de mandioca também envolve o conhecimento das diferentes variedades dessa planta, como a mandioca-brava (que contém toxinas e precisa de um preparo específico) e a mandioca-mansa (que pode ser consumida diretamente). Esse conhecimento especializado é parte dos saberes ancestrais dos Terena e demonstra sua relação de respeito e entendimento profundo com o ambiente em que vivem.

O plantio de mandioca é iniciado no começo da chuva. Antigamente, a roça de toco era a única opção, atualmente os guerreiros Terena de Mato Grosso utilizam ferramentas como o trator para gradear a terra, e enxada ou enxadão para fazer o plantio. Assim, as ferramentas feitas por não indígenas facilitaram muito o cultivo de mandioca para o povo Terena.

É muito difícil ver um indígena Terena plantar para a comercialização, sempre é para o consumo próprio e comunitário. Dentre tantos alimentos tradicionais do povo Terena, grande parte é derivada de mandioca, seja ela assada, cozida ou frita, e até mesmo seu caldo é utilizado para retirar o polvilho e com o restante da água é feita uma bebida chamada Póreo.

Para o povo Terena, a mandioca é muito mais do que um alimento. Ela representa uma parte fundamental de sua identidade cultural e agrícola, ligada ao sustento, à tradição e à espiritualidade. O cultivo, preparo e consumo de mandioca são práticas que conectam os Terena à sua terra e aos seus ancestrais, ao mesmo tempo em que oferecem uma fonte de nutrição e segurança alimentar. Apesar dos desafios, o povo Terena mantém suas tradições agrícolas vivas, lutando para proteger suas terras e a riqueza de seus conhecimentos ancestrais.

1.4 Milho Sôporo

Na alimentação Terena, o milho é um alimento nutritivo e versátil. Ele é parte fundamental da dieta cotidiana, fornecendo carboidratos, fibras e nutrientes essenciais. Além de sua importância como alimento básico, o milho também é utilizado para a preparação de bebidas fermentadas que têm um papel importante em cerimônias e encontros comunitários.

O milho é um alimento de grande importância para o povo Terena, tanto em termos culturais quanto alimentares. Os Terena, um dos maiores povos indígenas do Brasil, principalmente no estado de Mato Grosso do Sul, possuem uma forte ligação com a terra e com os ciclos naturais que regulam a agricultura.

O cereal é uma das principais culturas cultivadas pelos Terena. Além de ser consumido diretamente, ele é utilizado para fazer uma série de produtos, como farinhas, mingaus, pamonhas e bebidas fermentadas. A agricultura tradicional entre os Terena segue os ciclos naturais, com métodos que respeitam o meio ambiente, o que inclui o cultivo do milho de forma integrada com outras culturas em sistemas de rotação, permitindo a conservação do solo e a biodiversidade local.

Os Terena utilizam técnicas de cultivo transmitidas de geração em geração, o que reforça o papel central da oralidade e da educação comunitária na manutenção das tradições agrícolas. O trabalho coletivo nas plantações é também uma forma de manter laços comunitários e fortalecer as relações dentro da aldeia.

Embora o milho continue sendo um elemento essencial para os Terena, o povo também tem enfrentado desafios relacionados à modernidade e à pressão do agronegócio. A perda de terras e o contato com a sociedade não-indígena têm impactado suas práticas agrícolas tradicionais, incluindo o cultivo do milho. No entanto, muitos Terena estão empenhados em revitalizar suas práticas agrícolas tradicionais, promovendo o uso sustentável da terra e lutando por seus direitos territoriais.

1.5 As propostas asseguradas em lei e um pouco da caminhada escolar Terena

A educação escolar indígena é um campo que busca integrar os conhecimentos e tradições das comunidades indígenas ao ensino formal. Ela se diferencia da educação convencional ao respeitar as especificidades culturais, linguísticas e históricas dos povos indígenas, promovendo a valorização de sua identidade e saberes tradicionais. Essa modalidade de educação é orientada pela perspectiva intercultural, bilíngue e comunitária, permitindo que as crianças e jovens indígenas se desenvolvam academicamente sem perder a conexão com suas raízes culturais.

No Brasil, a Constituição de 1988 e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) garantem o direito à educação diferenciada para os povos indígenas, reconhecendo a importância de currículos específicos e professores indígenas capacitados. A educação escolar indígena visa fortalecer a autonomia das comunidades, promovendo o desenvolvimento sustentável e o protagonismo indígena dentro e fora dos seus territórios.

Apesar dos avanços, a implementação dessa educação enfrenta desafios, como a falta de infraestrutura adequada, a formação contínua de professores e o reconhecimento dos saberes indígenas no sistema educacional oficial. Assim, a educação escolar indígena representa um espaço crucial de resistência cultural e de luta por direitos no contexto da diversidade étnica e cultural do país.

Nesta perspectiva, pode-se dizer que a língua portuguesa foi implantada de maneira forçada aos indígenas, até mesmo no início da colonização, pois quem alfabetizava os indígenas eram os não indígenas, porém hoje ela precisa ser ensinada como parte da preparação dos alunos para conviver e se relacionar com os não indígenas.

Com a migração de Mato Grosso do Sul para Mato Grosso em busca de melhores condições de vida, o povo Terena aos poucos foi perdendo a língua materna, somente ficando na memória dos mais velhos. Com a frequente mobilização nas ruas e com o constante contato

com os não indígenas, os diálogos em língua Terena foram sendo cada vez mais raros, apenas falada pelos mais velhos em momento de mobilização na BR, e a língua portuguesa passou a dominar a comunidade que, na época, lutava para conseguir um pedaço de terra onde pudessem plantar para sobreviver e manter o que ainda restava da cultura viva.

Com a falta de professores capacitados e fluentes na língua Terena, a escola teve sempre professores que ministravam as aulas em língua portuguesa. Hoje não é diferente, mesmo com professores formados da etnia Terena da aldeia Kuxonety Poke' é temos apenas uma professora fluente na língua Terena em sala para ministrar as aulas da língua materna. No início da implantação da escola, o povo Terena perdeu muito, não somente a língua materna, mas também a cultura com a falta de aspectos culturais específicos ao currículo escolar.

Hoje, com mais experiência, os professores criam estratégias para incluir a cultura tradicional em seus planejamentos de aula. A linguagem oral dos anciões de qualquer povo indígena é muito preciosa. Segundo Aguilar (1998), os mais velhos são considerados “livros vivos”, os quais, em geral, realizam em suas comunidades, o que aqui nomeamos de “multiletramento na ponta da língua”. Por isso a valorização da cultura em sala de aula envolvendo os anciões para junto dos alunos repassar conhecimentos tradicionais favorece o fortalecimento da cultura tradicional.

A interculturalidade é um fato na escola Terena, pois ela atende também outros povos, como Mebengôkre (Kayapó) e Panará que têm sua cultura preservada e que entendem pouco a língua portuguesa. Estes alunos são incluídos na escola para aprenderem melhor a língua portuguesa. Já os alunos Terena são fluentes na língua portuguesa e procuram na escola o aprendizado que recupera a sua cultura. A interculturalidade na escola multicultural não significa apenas reconhecer diferenças, mas criar oportunidades para que todos aprendam uns com os outros, fortalecendo o respeito e a construção de uma sociedade mais justa e inclusiva.

1.6 Escola Estadual Indígena Terena Komomoyea Kovôero

A Escola Estadual Indígena Terena Komomoyea Kovôero foi criada em 2008 e está localizada na Aldeia Kuxonety Poke'e, Terra Indígena Iriri Novo, a aproximadamente 200 km de Matupá (MT). A escola possui 2 prédios. O primeiro prédio tem 4 salas de aula com 1 lousa, 1 televisão de 42 polegadas, cadeiras e mesas em cada uma. O outro prédio contém 1 sala de Diretor, 1 sala dos guardas, 1 sala dos professores, 1 sala de aula que contém 1 televisão 42

polegadas e 1 lousa, 1 sala que é a biblioteca. A cozinha é compartilhada com o município e fica nos fundos da escola. A escola também tem 2 banheiros, um feminino e outro masculino, que também ficam nos fundos da escola. A escola possui 23 funcionários que são: diretor, coordenadora, apoio pedagógico, secretária, professores, zeladores e cozinheiras.

A escola desempenha um papel fundamental na educação escolar indígena da comunidade Terena. Ela oferece Ensino Fundamental, Médio e EJA (Educação de Jovens e Adultos) com o objetivo de proporcionar uma educação alinhada às necessidades e à cultura indígena. Apesar da relevância de suas iniciativas, a escola enfrenta desafios em termos de infraestrutura, como a falta de recursos de acessibilidade, mas dispõe de equipamentos básicos como computadores e acesso à internet.

O nome aprovado para a unidade escolar, KOMOMOYEA KOVÔERO, significa visão de águia. Com a fundação da escola, surge uma grande procura por parte dos jovens indígenas da etnia Kaiapó em busca de matrículas, em razão de suas aldeias se situarem muito distantes da sede e serem de difícil acesso. Além disso, o acolhimento desses estudantes envolvia questões culturais e sociais que geravam dificuldades para o funcionamento da instituição. Foi então criada a Casa dos Estudantes Indígenas na comunidade com o objetivo de promover a acolhida dos estudantes e a adaptação desses em um local com uma cultura distinta, a fim de obter o melhor aproveitamento possível nos processos de ensino e aprendizagem.

A Escola Estadual Indígena Terena Komomoyea Kovôero é voltada, como o próprio nome diz, para os povos indígenas que vivem na região do rio Iriri Novo. Por ser uma escola indígena, distante da zona urbana, possui especificidades e características particulares. Os povos indígenas que compõem a comunidade escolar possuem tradições que estão arraigadas no seu modo de vida e a escola precisa se moldar a essas tradições com o intuito de atender os alunos de forma igualitária e proveitosa. A comunidade em que a escola está inserida é organizada baseando-se em uma estruturação típica dos indígenas: um cacique que exerce a liderança na comunidade e que é respeitado como autoridade absoluta entre os seus pares. No entanto, mesmo com a proeminência do cacique, as decisões da comunidade são tomadas sempre em conjunto, em que os pontos de vista de todos os indivíduos são ouvidos e respeitados.

A escola atende alunos de diferentes etnias com realidades econômicas distintas. Em sua maioria, os indígenas vivem da agricultura familiar e pesca. Um grupo de indígenas e não

indígenas atua no serviço público, especialmente nas áreas de saúde e educação; uma outra parcela dessa população vive de uma forma mais tradicional exercendo atividades de pesca, caça e produção de farinha, aliando-as aos benefícios sociais pagos pela administração pública.

Como é comum nas aldeias indígenas, a comunidade escolar tem grande influência nas decisões da escola. O futuro da escola é sempre definido em reuniões que contam com a presença de toda a comunidade em um ambiente de discussão democrático e livre. A administração escolar tem como uma de suas metas a inserção de toda a comunidade no contexto escolar com o intuito de reduzir índices de evasão e despertar o interesse dos estudantes pela escola. Nesse sentido, a participação da família é fundamental, e os pais indígenas demonstram grande preocupação com a educação dos seus filhos, estimulando-os a aprender e cobrando a escola a respeito da qualidade do ensino ofertado.

Figura 3 - Frente do prédio da escola Estadual indígena Terena Komomoyea Kovôero.



Foto: Acervo pessoal (2024).

1.7 Ensino de línguas na escola Komomoyea Kovôero

O ensino de línguas em uma escola indígena é uma prática educativa que busca promover e valorizar tanto a língua materna indígena quanto a língua portuguesa, de maneira a respeitar a identidade cultural e linguística dos povos indígenas. A língua indígena é central na construção do conhecimento cultural e social, pois ao ensinar a língua originária, preservamos a tradição oral, histórias, práticas culturais e modos de vida.

O português é ensinado de forma contextualizada, respeitando os ritmos e necessidades de aprendizado das comunidades indígenas. Ele é visto como uma ferramenta importante para a comunicação fora das aldeias e para garantir direitos no mundo não indígena.

Na escola Komomoyea Kovôero, são ministradas semanalmente 2 aulas de língua materna no Ensino Fundamental e 2 no Ensino Médio (aulas de 45 minutos). A língua inglesa é ensinada de maneira obrigatória também por ser um direito do aluno tê-la em seu currículo escolar; a língua portuguesa é ministrada em 3 aulas. Essas aulas são distribuídas pelos professores junto à coordenação da escola.

Ensinar a língua portuguesa a alunos indígenas exige uma abordagem respeitosa, contextualizada e inclusiva, que valorize a cultura e a língua materna desses estudantes. Nesse sentido, ensinar o português de forma sensível e adaptada permite aos alunos indígenas manterem sua identidade cultural e, ao mesmo tempo, adquirirem habilidades na língua portuguesa, ampliando suas possibilidades de comunicação e aprendizado.

Conforme as necessidades dos alunos da Escola Komomoyea Kovôero, o ensino de língua portuguesa é sempre pensado pelos professores com apoio da coordenação, buscando selecionar os vários conteúdos a partir do PPP. As aulas são planejadas com muita cautela, fazendo com que cada aluno seja contemplado conforme seus conhecimentos prévios.

CAPÍTULO II

2.1 Concepções de linguagem e ensino de língua na escola

Nesse capítulo trazemos os fundamentos que sustentam teórica e metodologicamente este trabalho de pesquisa. Apresentamos uma visão geral dos autores sobre concepções de linguagem, gêneros textuais e ensino línguas.

2.2 Concepções de linguagem

Segundo Luiz Carlos Travaglia (2002), as concepções de linguagem podem ser entendidas como diferentes formas de interpretar e explicar o que é a linguagem e como ela funciona. Ele apresenta três principais concepções, cada uma com uma visão distinta sobre o papel da linguagem na comunicação e na sociedade.

A primeira concepção é a que compreende a linguagem como expressão do pensamento. Essa concepção vê a linguagem como um meio de exteriorizar o pensamento. O foco está na ideia de que o pensamento preexiste à linguagem, e a função desta é simplesmente traduzir as ideias que estão na mente. Nessa visão, o uso correto da gramática é central para garantir a clareza da expressão.

Portanto, para essa concepção, o modo como o texto, que se usa em cada situação de interação comunicativa, está constituído não depende em nada de para quem se fala, em que situação se fala (onde, como, quando), para que se fala. (Travaglia, 2002, p. 22)

A segunda abordagem entende a linguagem como instrumento de comunicação. Nessa perspectiva, a linguagem é vista como um instrumento cujo objetivo principal é comunicar ideias, pensamentos e sentimentos entre as pessoas. O foco aqui está na função comunicativa e social da linguagem, considerando que a língua serve para estabelecer interações e transmitir mensagens, levando em conta o contexto e os interlocutores.

Para essa concepção o falante tem em sua mente uma mensagem a transmitir a um ouvinte, ou seja, informações que quer que cheguem ao outro. Para isso ele coloca em código (codificação) e a remetente para o outro através de um canal (ondas sonoras ou luminosas). O outro recebe os sinais codificados e os transforma de novo em mensagem (informações). É a decodificação. (Travaglia, 2002, p. 22-23)

E a terceira é a que concebe a linguagem como forma de interação social. Para Travaglia (2002), essa é a concepção mais ampla e adequada para um ensino produtivo, pois vê a linguagem como uma prática social. Nesse entendimento, a linguagem não apenas expressa

pensamentos ou comunica informações, mas constrói e molda as relações sociais. A linguagem é um fenômeno dinâmico que varia conforme os contextos e as situações em que é usada, refletindo as realidades sociais e culturais dos falantes.

Travaglia (2002) defende que a concepção de linguagem mais completa é aquela que a entende como uma prática social e interativa, em que os falantes não apenas expressam pensamentos ou comunicam informações, mas constroem significados e se relacionam com o mundo e com os outros de maneira dinâmica.

2.3 Ensino de línguas

O ensino de língua busca proporcionar aos alunos as ferramentas necessárias para comunicar-se de maneira eficaz, tanto na fala quanto na escrita, levando em consideração as regras gramaticais e as variações linguísticas, sempre com o objetivo de promover o uso da língua em situações reais e significativas.

Travaglia (2002) comenta que há três tipos de ensino. O primeiro é o ensino prescritivo, focado em prescrever regras sobre o uso da língua, ou seja, orientar os alunos sobre o que é considerado "certo" ou "errado" de acordo com a norma culta. O objetivo é que os alunos sigam as normas estabelecidas para usar a língua corretamente, especialmente em contextos formais. Travaglia (2002, p. 38) diz que “é ao mesmo tempo proscritivo, pois a cada ‘faça isso’ corresponde um ‘não faça aquilo’.” No ensino descritivo, diferente do ensino prescritivo, o enfoque é analisar e descrever como a língua é realmente usada pelos falantes em diversos contextos, sem julgamentos sobre o que é "certo" ou "errado". Esse tipo de ensino se preocupa em observar a língua como um fenômeno vivo e em constante mudança, levando em conta as variações linguísticas (regionais, sociais e culturais) que ocorrem naturalmente.

O ensino descritivo existe não só a partir das gramáticas descritivas, mas também no trabalho com as gramáticas normativas; todavia, nestas a descrição feita é só da língua padrão, da norma culta escrita e de alguns elementos da prosódia da língua oral, enquanto nas descritivas trabalha-se com todas as variedades da língua. Na normativa diz-se “a língua é assim” e o que foge disso é erro, é degeneração, é aviltamento da língua. Assim quando trabalha a gramática normativa, o professor, com frequência, está fazendo descrição da variedade culta e forma da língua e transformando os fatos nela observados em leis de uso da língua, em única possibilidade de uso da língua. (Travaglia, 2002. p. 39)

O ensino produtivo tem como foco o desenvolvimento da capacidade dos alunos de produzir a língua de forma autônoma em diferentes situações. Ao contrário do ensino prescritivo, que apenas ensina regras, e do descritivo, que analisa o uso da língua, o ensino

produtivo visa habilitar os alunos a utilizar a língua ativamente para se comunicar e expressar suas ideias de maneira eficaz, criativa e adequada ao contexto.

O ensino produtivo é sem dúvida o mais adequado a consecução do primeiro objetivo de ensino de língua materna que arrolamos no capítulo 1, ou seja, o de desenvolver a competência comunicativa, já que tal desenvolvimento implica a aquisição de novas habilidades de uso da língua e o ensino produtivo visa especificamente o desenvolvimento de novas habilidades. (Travaglia, 2002, p. 40)

O ensino deve ser dinâmico, contextualizado, e capaz de desenvolver competências que permitam aos alunos participar de forma ativa e crítica nas diversas interações sociais em que a língua está presente. Portanto, o ensino produtivo visa fazer com que os alunos não apenas conheçam a língua, mas aprendam a utilizá-la de maneira competente, ampliando suas capacidades de comunicação e expressão.

2.4 Ensino de línguas no RCNEI

A linguagem é uma característica que todos os seres humanos possuem. Independentemente da cultura, do lugar ou do tempo, os seres humanos têm a habilidade de aprender e utilizar uma língua para se comunicar. Essa capacidade é biológica e está presente desde o nascimento, sendo que, à medida que uma criança cresce, ela adquire naturalmente a linguagem ao interagir com o meio ambiente e com outras pessoas. O ensino e aprendizagem da linguagem é muito amplo, primeiramente nascemos falando um tipo de linguagem, quando vamos a escola aprendemos outro tipo e para cada ocasião usamos uma linguagem diferente da outra. A linguagem pode modificar e transmitir os conhecimentos culturais.

O homem usa a linguagem para expressar seus pensamentos, suas emoções e sentimentos, seus sonhos, seus desejos e intenções; pode usá-la para convencer e para construir discursos políticos; para fazer poesias, descrições, fatos. É a linguagem, também, que nos permite criar narrativas, cantos, rezas e mitos, espaços onde buscamos dar sentido para a nossa própria existência. (Brasil, 1998, p.105)

A diversidade linguística no Brasil é imensa, no entanto, é comum ver em materiais didáticos somente a língua e histórias do povo tupi Guarani. O respeito e a valorização desse conhecimento vasto sobre a variação linguística são muito importantes para as escolas indígenas. Sabendo disso, o RCNEI vem propondo um currículo estratégico para que a língua indígena não desapareça, após reconhecerem que ela não é um obstáculo para a integração do indígena à sociedade envolvente.

Muitos brasileiros se espantam quando ouvem falar no grande número de línguas indígenas existentes no país. Isto acontece porque, com frequência, encontramos na imprensa e nos livros didáticos uma informação errada: "os índios falam tupi (ou tupi-guarani)". Mas, assim como não há um índio genérico, e sim muitos povos ou etnias indígenas distintas, não há apenas uma língua indígena. (Brasil, 1998. p. 115)

A língua portuguesa é uma “arma” que os indígenas tem que dominar assim como a sua língua materna, para poderem lutar e conhecer seus direitos dentro da constituição que é escrita em português. A Constituição do Brasil reconhece o direito das comunidades indígenas de preservarem suas línguas e culturas. E a inclusão de línguas indígenas nas escolas não só respeita esse direito, como também atua como um passo importante para a preservação das culturas indígenas, garantindo que as próximas gerações tenham acesso e possam continuar utilizando suas línguas maternas. É possível a inserção de outras línguas no currículo escolar, tanto outras línguas indígenas, caso a escola tenha mais de uma etnia numa mesma escola, quanto uma língua estrangeira, tudo depende de ela ser integrada ao currículo escolar.

O aluno vem de casa sabendo se comunicar, seja em português ou em sua língua materna, e cabe ao professor ampliar seu conhecimento. O desenvolvimento da língua oral é muito discutido, até porque aprender uma segunda língua não é fácil e nem um processo rápido. O RCNEI propõe que o professor ensine de maneira dinâmica e que comece do modo como o aluno esteja habituado, com exemplos que usam em seu cotidiano e também frases de saudações e cumprimentos. Já com relação a escrita, o documento propõe que a escola estabeleça um método que ajude o indígena a escrever de forma correta, de modo que a apropriação desse conhecimento oportunize ao indígena conhecer seus direitos para se defender, ter acesso ao conhecimento da sociedade fora da aldeia e exercer sua cidadania.

Não existem línguas com gramática simples e línguas com gramática complexa, línguas com sons esquisitos e línguas com sons normais. Não existe língua primitiva. Toda língua é completa, rica e serve plenamente para todos os usos que dela se queira fazer. **A inclusão de uma língua indígena no currículo escolar tem a função de atribuir-lhe o *status* de língua plena e de colocá-la, pelo menos no cenário escolar, em pé de igualdade com a língua portuguesa, um direito previsto pela Constituição Brasileira.** (Brasil, 1998. p. 118)

A escrita possibilitará ao aluno indígena registrar seu conhecimento cultural para que a cultura seja eternizada. Porém a alfabetização na sua língua materna, seja ela no idioma ou na língua portuguesa, é essencial para a boa compreensão do aluno. É necessário sempre a aprovação da aldeia, seja qual for a decisão tomada de ministrar as aulas em português ou na língua materna, todos têm que ter ciência de que seu filho aprenderá seja qual for a língua

ensinada, é o direito da escola diferenciada. Para o desenvolvimento da língua escrita é importante que o professor trace estratégias para que o aluno se interesse e queira aprender, e goste do que está aprendendo porque só assim ele irá aprender mais rápido e, principalmente, se interessar e se tornar um aluno crítico.

Um forte argumento a favor da introdução do uso escrito das línguas indígenas é que limitar essas línguas a usos exclusivamente orais significa mantê-las em posições de pouco prestígio e de baixa funcionalidade, diminuindo suas chances de sobrevivência em situações de pós-contato. Utilizá-las escrito, por outro lado, significa que essas línguas estarão fazendo frente invasões da língua portuguesa. Estarão, elas mesmas, invadindo um domínio da língua majoritária e conquistando um de seus mais importantes territórios. (Brasil, 1998, p. 128-129)

Quando o professor se propõe a formar seus alunos bons leitores, ele contará com o auxílio de alguns tipos de textos que poderão ajudá-lo, claro que de forma gradual, um a um, já que é impossível ensinarmos todos os tipos de textos de uma só vez. Sabemos que os alunos já vêm de casa com sua língua materna dominada, caberá ao professor saber conciliar para que o aluno aprenda de forma divertida e de boa compreensão.

Contos, crônicas, histórias, relatos são gêneros que ajudarão mais na compreensão devido ao fato de trazerem para a sala de aula fatos do seu dia a dia, como pescaria, festas, entre outros. Assim, o professor poderá integrá-los aos desenhos, leitura e escrita, além da imaginação do aluno ao propor uma aula com criatividade. Mostrar imagens durante a contação de histórias despertará no aluno a vontade de ler e escrever. Assim o professor poderá conciliá-los aos desenhos, leitura e escrita e mais a imaginação dos alunos ao ser criativo com sua aula. Mostrando imagens contando histórias irá despertar mais a vontade do aluno a ler e a escrever.

Receitas, bulas, rótulos, manuais de instrução, regulamentos e listas são textos injuntivos que levarão o aluno a aprender a seguir regras, respeitando o processo de preparação de cada alimento ou medicamento, sempre levando em consideração que cada povo tem seu modo de preparo e suas regras. Bilhetes, cartas, atas e ofícios são textos que favorecem a aprendizagem dos alunos, E trabalhar com esses tipos de texto requererá uma certa atenção dos professores para que o aluno possa aprender que cartas, bilhetes e radiogramas têm formas e objetivos diferentes. O bilhete e o radiograma são mensagens curtas que são enviadas a alguém para licitar alguma coisa, para dar ou pedir informações, etc.; já o bilhete é escrito de forma simples e coloquial. O radiograma exige uma mensagem objetiva. A carta, por outro lado,

necessita de uma apresentação mais formal, na qual deve aparecer o cabeçalho e diferentes formas de tratamento, dependendo de para quem ela é dirigida.

Sendo assim, nos anos iniciais, o professor pode traçar estratégias para que o aluno entenda e consiga escrever bem todos esses tipos de textos para que no início de Ensino Médio ele possa entrar em contato direto com atas, ofícios, requerimentos, etc. Questionários, formulários e documentos pessoais, esses tipos de textos possibilitarão ao aluno aprender a formular questionários e obter informações exatas e precisas.

Textos de jornais e revistas servem para informar e convencer as pessoas. Eles são ótimos e podem possibilitar ao aluno a se tornar mais crítico e também a expor sua opinião. Textos de cartazes, folhetos publicitários e propagandas são textos interessantes em atividades de leitura porque trazem vários indicadores e gráficos utilizados para chamar a atenção e rapidamente tentar convencer o leitor. Textos científicos são textos de todas as disciplinas que compõem o currículo e com os quais os alunos se defrontam diariamente na escola. Projetos nas etapas finais do Ensino Fundamental podem ajudar o professor indígena a discutir com seus alunos a estrutura textual. Nesse tipo de texto, o professor pode levar temas que ajudem sua comunidade e fazer com que os alunos produzam um projeto para que aprendam na prática.

Com essa compreensão, o RCNEI propõe as escolas tenham uma biblioteca diversificada para que o aluno tenha opções de leitura tanto em português quanto na língua materna.

Finalmente, deve-se também levar em conta o fato de que a escrita pode ser utilizada para a produção de diferentes **tipos ou modalidades de texto**. Como a língua portuguesa é língua oficial e tem ampla tradição de escrita, há uma maior variedade de tipos de textos escritos nessa língua do que em línguas indígenas. De qualquer maneira, os alunos deverão, na escola, entrar em contato com a maior diversidade de textos possível, em ambas as línguas, para que possam aprender a reconhecê-los e a manuseá-los, tirando deles o melhor proveito para suas necessidades ou interesses. (Brasil, 1998. p. 140)

A análise linguística e sociolinguística através do diálogo do povo e histórias contadas oportunizará ao aluno criar situações e ele mesmo observar as diferentes maneiras de se comunicar, separando assim seu modo de falar de forma oral formal e informal, sabendo diferenciar e também observar as diferentes ocasiões em que pode usá-las.

O ensino de línguas e a avaliação é uma reflexão necessária. Há alunos que dominam somente a língua portuguesa, outros que dominam a língua materna e também há aqueles que

dominam as duas. Portanto, na hora de avaliar, o professor deve ter consciência e conhecer bem seu aluno para que ele possa avaliar de maneira correta e consiga ajudar seu aluno quando não conseguir assimilar o conteúdo proposto durante o bimestre, possivelmente o professor poderá ajudá-lo se o conhecer bem.

Se um dos objetivos para a área de Línguas é o desenvolvimento da capacidade de ler e escrever, é importante verificar se este objetivo está sendo alcançado. O professor deverá promover essa avaliação, procurando detectar, juntamente com os alunos, não só os problemas existentes, mas também os avanços alcançados. (Brasil, 1998. p. 149)

Indicações para a formação do professor são necessárias. O curso de formação dos professores é muito importante para o professor, pois qualquer que seja a implantação de alfabeto e ortografia, esta não deve ser imposta de fora para dentro, mas discutida com os professores indígenas para que eles possam implantá-la para colaborar com sua cultura e não a destruir ou apagá-la. Então, vale reforçar que a formação de professores deve possibilitar ao professor a criação de materiais didáticos com revisão dos professores. O curso de formação de professores deve formá-los com o objetivo de criar condições para que eles se tornem capazes de fazer pesquisas de natureza sociolinguística de modo a determinar, quando for o caso, o papel da língua indígena no currículo; fazer pesquisas de natureza linguística, assessorados por especialistas; realizar trabalhos de tradução de textos, quando for o caso, do português para a língua indígena ou vice-versa, com vistas à elaboração de materiais didáticos; identificar e comparar, de forma crítica, modos tipicamente indígenas e não-indígenas de ensinar e de aprender línguas.

O ensino de língua a partir do RCNEI prioriza a experimentação lúdica e interativa com a linguagem. O objetivo é ensinar as línguas, estimulando o desenvolvimento comunicativo dos alunos e oferecendo um ambiente rico em estímulos orais e escritos. A partir dessas experiências, as crianças adquirem confiança para expressar suas ideias, compreender o mundo ao seu redor e se preparar para o processo formal de alfabetização.

o português como primeira língua será a língua de instrução e disciplina curricular, mas é fundamental que se procure, dentro das possibilidades, criar condições para a retomada da língua indígena. Uma outra situação possível, embora muito mais rara, é aquela em que o português é a única língua usada na aldeia: é exclusivamente através da língua portuguesa que alguns povos indígenas elaboram e expressam hoje suas crenças religiosas específicas, sua cosmologia própria e seu modo de ser diferenciado. É importantíssimo entender que mesmo tendo perdido sua língua de origem, um povo pode continuar mantendo uma forte identidade étnica, uma forte identidade indígena. (Brasil, 1998, p. 123)

Segundo RCNEI (1998, p. 121), “O conhecimento da língua portuguesa permite que as populações indígenas conheçam o funcionamento da sociedade envolvente e, ainda, que elas tenham acesso a informações e tecnologias variadas.” Ao refletir sobre esse trecho do RCNEI, entendemos que o indígena usa a língua portuguesa como ferramenta para conhecer o mundo lá fora e com o pensamento de proteger sua comunidade.

2.5 Gêneros textuais e ensino

O termo "gênero textual" refere-se às diferentes formas que os textos podem assumir, dependendo de seu propósito, estrutura, conteúdo e contexto de uso. Cada gênero textual possui características específicas que o distinguem dos outros, e esses gêneros podem ser classificados de várias maneiras.

O gênero textual, segundo Cereja e Magalhães (2009), é uma forma de interagir das pessoas em uma determinada interação social. O gênero trata das variadas formas de linguagem que circulam em uma sociedade, sejam elas formais ou informais e cada uma tem seu estilo próprio, podendo ser identificadas e diferenciadas das demais através das suas características.

O gênero textual é um meio de comunicação que pode ser adaptado a qualquer situação em uma sociedade e esfera social. Para Dolz (2010, p. 97),

Em situações semelhantes, escrevemos textos com características semelhantes, que podemos chamar de *gêneros de textos*, conhecidos de e reconhecidos por todos, e que, por isso mesmo, facilitam a comunicação: a conversa em família, a negociação no mercado ou o discurso amoroso. Certos gêneros interessam mais à escola – as narrativas de aventuras, as reportagens esportivas, as mesas redondas, os seminários, as notícias do dia, as receitas de cozinha, para citar apenas alguns.

No entendimento de Marcuschi (2002), para distinguir os gêneros textuais, as funções comunicativas são mais importantes do que as características linguísticas e estruturais; suas funções práticas na comunicação e nas instituições são mais importantes do que as formas linguísticas. É essencial entender essa perspectiva para entender a diversidade e a influência dos gêneros textuais na interação humana e no funcionamento social. Marcuschi (2002) distingue os gêneros por suas características estruturais e organizativas e por sua função, que depende da interação. Os gêneros textuais vão evoluir ao longo da história, agregando cada vez mais significado à vida humana.

Isto é revelador do fato que os gêneros textuais surgem, situam-se e integram-se nas culturas em que se desenvolvem. Caracterizam-se muito mais por suas

funções comunicativas, cognitivas e institucionais do que por suas peculiaridades linguísticas e estruturais. (Marcuschi, 2002, p. 20)

Com o passar dos anos, como afirma Marcuschi (2002), não foi difícil afirmar que os avanços tecnológicos “propiciaram o surgimento de novos gêneros textuais”. Novas bases foram criadas a partir de velhas bases, a tecnologia avançada não apenas introduziu novos gêneros, mas também transformou os antigos, criando uma paisagem comunicativa rica e diversificada. Essa evolução contínua exige que os indivíduos desenvolvam novas habilidades de letramento digital e que os educadores adaptem suas práticas para preparar os alunos para o ambiente comunicativo em constante mudança, pois como afirmando por Marcuschi (2002), “os gêneros não são entidades naturais como as borboletas, rios [...] são artefatos culturais construídos historicamente pelo ser humano”. O gênero é conhecido por ser todo e qualquer tipo de meio de comunicação entre pessoas, é usado mesmo que desconhecido por esse nome há vários anos, são seguidos por tipologias textuais que tem por objetivo organizar o texto, dando assim sentido ao enunciado.

o **gênero**, na perspectiva bakhtiniana, como um tipo de enunciado relativamente estável, ou seja, com determinadas regularidades em termos de conteúdo temático, construção composicional, forma de realização linguística (estilo), criado em uma esfera de atividade humana ou por uma comunidade discursiva (no dizer de Swales-1990), para realizar uma ação social por meio da linguagem. (Travaglia, 2013, p. 06)

Assim, o gênero textual é moldado pelas interações sociais e históricas, como nos lembra Marcuschi (2002), para quem “os gêneros contribuem para ordenar e estabilizar as atividades comunicativas do dia a dia.”

Nesse sentido, gêneros textuais são estruturas específicas que se formam a partir de vários tipos de textos. Eles podem incluir mais de um tipo de texto dependendo do destinatário da comunicação e do que eles querem transmitir por meio do uso do gênero. Antes de usar um gênero, é importante considerar o contexto, a função e a finalidade do texto.

Os gêneros são instrumentos cuja apropriação leva os sujeitos a desenvolverem capacidades e competências individuais correspondentes aos gêneros. Tais capacidades e competências são capacidades e competências linguísticas e discursivas de construção e de escolha do gênero apropriado para a ação em dada situação social localizada. (Travaglia, 2013, p. 03)

Travaglia (2013) afirma que “o gênero é um instrumento para ações linguístico-discursivas para atingir um objetivo”. Nesse aspecto, o gênero serve como uma ferramenta para moldar a produção e interpretação do discurso. Isso permite identificar a autenticidade das

palavras que constituem os gêneros, como atestado, certidão e declaração, entre outras. O que importa é o suporte tecnológico do texto, pois um texto pode ser lido em dois diferentes suportes dependendo de sua função, e o público que ele quer atingir.

O objetivo ou função social serve como definição ou caracterização do gênero, como afirmado anteriormente por Fairclough (2003) e Travaglia (2003-2007). No entanto, nem sempre o objetivo está associado a "propósitos sociais amplamente reconhecidos". Os autores enfatizam nessa afirmação que, embora suas funções sociais sejam essenciais para sua definição, essas funções podem não funcionar para propósitos que todos entendem ou concordam.

Por isso, os gêneros são construções dinâmicas que revelam como as pessoas se organizam e comunicam em diferentes esferas da vida social. Compreender o gênero como um instrumento linguístico-discursivo nos permite reconhecer sua importância na prática comunicativa e na construção de significados nas interações humanas. Nesse sentido,

o **gênero** é um instrumento linguístico-discursivo devidamente estruturado, criado em uma esfera de atividade humana por uma comunidade discursiva, como uma forma eficiente de realizar a atividade em que o gênero tem um papel essencial. Assim o gênero terá uma função social em decorrência da atividade à qual ele serve de instrumento e que, de um certo modo, o caracteriza. Surgem do que dissemos os elementos que serão caracterizadores do gênero enquanto tal. (Travaglia, 2013, p.04)

Ler é interagir com o mundo através de textos, independentemente do gênero, e ensinar gêneros textuais aos alunos não é apenas ensinar a decodificar palavras, é ensinar a eles a apreciar a capacidade de entender o que um texto diz por meio de leituras bem estruturadas.

No ensino de uma maneira geral, e em sala de aula de modo particular, pode-se tratar dos gêneros na perspectiva aqui analisada e levar os alunos a produzirem ou analisarem eventos linguísticos os mais diversos, tanto escritos, como orais, e identificarem as características de gênero em cada um. É um exercício que, além de instrutivo, também permite praticar a produção textual. (Marcuschi, 2002 p.10)

Dolz e Schneuwly, citados por Marcuschi (2002), enfatizam que o aprendizado dos diversos gêneros textuais não acontece de forma natural ou espontânea. Os alunos necessitam de ensino e orientação explícitos para dominar tanto os gêneros escritos do uso diário quanto os gêneros orais mais formais. A instrução intencional e a prática contextualizada são essenciais para desenvolver essas competências de forma eficaz.

No entanto não é de se supor que os alunos aprendam naturalmente a produzir os diversos gêneros escritos do uso diário. Nem é comum que se aprendam naturalmente os gêneros orais mais formais como bem observam. (Joaquim Dolz e Bernard Schneuwly, 1998. *Apud* Marcuschi, 2002 p.10)

Sendo assim, para desenvolver a competência comunicativa dos alunos e ajudá-los a se expressar de forma adequada em diferentes situações, é fundamental ensinar gêneros textuais na escola. Como resultado, o ensino de gêneros textuais na escola é um método crítico que ajuda significativamente a desenvolver a capacidade dos alunos de ler, interpretar e produzir textos de maneira competente, refletindo sobre a linguagem e suas várias funções sociais.

2.6 Receita como gênero textual e aprendizagem da cultura terena

Segundo o RCNEI (1998 p.142), uma das funções do gênero receita é fazer com que quem aprenda siga orientações de maneira que acerte o caminho. Considerando esse pensamento, podemos dizer que o ensino de português com o uso de receita culinária em sala pode auxiliar os alunos a compreender melhor o conteúdo, pois o aprendizado acontece na prática. Nas aulas, os alunos não ficam apenas ouvindo, mas fazendo também.

Assim, o gênero textual receita culinária pode ser muito importante para ensinar português na escola Terena. O uso de textos deste gênero pode ser produtivo pois qualquer alimento que os alunos aprendem, eles não só o fazem mas também o degustam, obtendo um conhecimento muito significativo para a cultura culinária tradicional do povo Terena de Mato Grosso. O sentimento de aprendizado sobre os conteúdos é gratificante para o professor, e quando o aluno percebe que aprendeu é mais gratificante ainda.

A culinária tradicional do povo Terena é pouco conhecida pelas crianças e jovens da comunidade mesmo sendo alimentos simples e utilizados no passado pelos mais velhos. O modo de preparo e o nome são pouco mencionados, seja pela falta de interesse dos jovens em querer saber ou até mesmo aprender. Conforme Bittencourt (2000, p. 131), “os principais alimentos cultivados pelo Terena e mais importante para a alimentação é o milho e a mandioca, dentre outras que aparecem também é a batata doce e várias espécies de aboboras”. Como afirma Veiga (2003, p. 37), “a educação das crianças, sua socialização na comunidade, se faz na família, pelo ensinamento de seus pais, pelas palavras e histórias dos mais velhos e por muitos outros meios que a comunidade possua.” Seguindo esse pensamento, dizemos que o preparo do alimento facilita o aprendizado dos alunos desde que aprendam e tenham o prazer da degustação, é uma sensação de que foram eles mesmos que fizeram e, por fim, conhecem a

origem e sabem mais sobre o alimento que seus pais e seus avós comiam, pois sabem como é feito e sabem fazer, e essa é a maior satisfação.

Dentre a variedade de alimentos conhecidos como referencial do povo Terena, segundo Bittencourt (2000, p. 133), podemos destacar os nomes dos alimentos que são feitos de milho como a chipa, que é um bolo de milho. Da mandioca o hihi, que é um bolinho feito com a mandioca brava não venenosa que é chamada de Suáiti-tchupú, e também bolos maiores chamado Lâpape. E a mandioca mansa, conhecida como Echoti-tchupú, pode ser assada e cozida. A batata era assada num forno subterrâneo chamado Xuiupu-peno-uti-coé.

CAPÍTULO III

3.1 A prática de ensino de língua portuguesa na escola

Neste terceiro capítulo, trazemos o relato da experiência de ensino de língua portuguesa desenvolvida na sala de aula da Escola Komomoyea Kovôero. Fazemos o detalhamento de cada sequência didática com suas atividades e relatamos como foi cada aula no desenvolvimento das três sequências didáticas.

3.2 Sequência didática e ensino de língua portuguesa

Uma sequência didática é um conjunto estruturado de atividades pedagógicas organizadas de forma lógica e progressiva com o objetivo de desenvolver competências e habilidades específicas em um determinado conteúdo ou tema. Ela é projetada para guiar os alunos através de um processo de aprendizagem, desde a introdução do tema até a aplicação prática do conhecimento adquirido. A sequência didática normalmente inclui diferentes etapas, como: apresentação do tema; primeira produção; módulos; produção final.

Uma "sequência didática" é um conjunto de atividades escolares organizadas, de maneira sistemática, em torno de um gênero textual oral ou escrito. Vejamos, mais detalhadamente, as principais características de uma sequência didática. (Dolz, Noverraz, Schneuwly, 2010 p.96)

Segundo Dolz, Schneuwly e Pietro (p. 261) “o tema escolhido deve permitir um progresso real aos alunos”. Assim, a escolha do tema é essencial para que as atividades pedagógicas sejam pensadas de maneira significativa e desafiadora o suficiente para promover um avanço concreto nas competências e habilidades dos alunos.

Ao elaborar as sequências didáticas que contemplam a culinária tradicional, foram propostas atividades que envolviam todas as etnias que estavam ali presentes, visto que a culinária indígena é advinda de alimentos produzidos a partir do plantio orgânico e natural. A culinária tradicional do povo Terena é provida principalmente de mandioca, milho, feijão, batata e assim vários outros tipos de alimentos cultivados pelos próprios indígenas da comunidade. Então, foram criados vários momentos para que os alunos desenvolvessem suas habilidades no uso da língua portuguesa oral e escrita por meio de exercícios que foram pensados para que os alunos compreendessem cada gênero: primeiro, gênero receita culinária; segundo, gênero entrevista e, terceiro, gênero reportagem.

A produção final da sequência didática é o momento em que os alunos mostram o que conseguiram assimilar de tudo que foi ensinado desde o início das atividades, é o momento em que se avalia a aprendizagem. Durante essas sequências didáticas, os alunos foram produzindo aos poucos os textos que compõem o livro (Produto Educacional). Apesar de terem algumas dificuldades iniciais, eles se mostraram muito satisfeitos em realizar cada atividade proposta e ficaram muito entusiasmados ao ver a produção final.

3.3 Sequência didática do gênero receita culinária

A culinária tradicional é parte integrante da cultura de um país, de um estado e/ou de uma comunidade. Ao introduzir o gênero receita culinária tradicional, os alunos puderam aprender não apenas sobre a língua portuguesa, mas também sobre os hábitos alimentares, tradições e valores culturais associados à culinária. As receitas forneceram um contexto prático e útil para o aprendizado da língua portuguesa, os alunos puderam aplicar vocabulário, gramática e estrutura textual em situações do dia a dia, tornando o aprendizado mais significativo e relevante para eles. Através da análise e produção de receitas, os alunos desenvolveram habilidades linguísticas em várias áreas, como compreensão de leitura, expressão escrita, vocabulário específico relacionado à culinária, sequenciamento de eventos (usando tempos verbais adequados), entre outros.

O uso do gênero receita culinária no ensino de português na escola Terena mostrou-se uma estratégia eficaz por várias razões. O gênero receita culinária tradicional do povo Terena de MT é uma experiência que proporcionou aos alunos a reprodução de um alimento que foi feito pelos seus pais ou ancião da aldeia e que carrega consigo memórias eternizadas através da degustação dos alimentos. A partir dessas receitas foi ensinado aos alunos o domínio da leitura, produção de textos e alguns aspectos gramaticais. O gênero traz consigo características próprias de linguagem clara e objetiva: ao registrar uma receita não pode haver equívocos, pois se isso acontecer a comida não fica boa, então, a instrução do texto precisa ser seguida. Essas aulas são de importantíssimo valor ao conhecimento dos alunos indígenas pois proporciona a eles reconhecer as variedades da língua falada e o conceito de norma padrão.

Nesse sentido, compreender o uso do modo imperativo do verbo no gênero textual receita culinária é importante. Reconhecer a estrutura e as características do gênero (texto instrucional) também é fundamental. Empregar corretamente os verbos no modo imperativo, incentivar a leitura e produção de texto faz parte da compreensão do gênero. Isso porque o texto

da receita tem como meta principal instruir o leitor: dizer como fazer e levar à realização de uma ação.

As atividades foram encaminhadas oralmente, ativando nos alunos seus conhecimentos prévios a respeito do gênero textual e o que sabiam sobre receitas culinárias de modo geral, e relembrando as aulas que ministrei a eles sobre a culinária tradicional no ano anterior. Foi importante a participação de toda a turma. Foi um momento enriquecedor que ampliou o conhecimento de todos, pois juntos trocamos informações sobre o que aprenderam e/ou sobre algo que comeram anteriormente que não foi mencionado pelos professores durante os anos escolares nas aulas de práticas culturais ou pelos colegas e familiares. Assim, foram instigados com perguntas relacionadas à cultura culinária do povo Terena: Como você vê a cultura alimentar no seu povo? Conhece algo além do que foi estudado? Qual seu prato favorito? Se você fosse escolher uma receita especial, ela seria doce ou salgada?

Durante todas as atividades desenvolvidas sobre o gênero receita, os alunos aprenderam muito sobre a cultura alimentar do povo Terena MT, sempre muito interessados quando as anciãs ensinavam e quando realizavam as atividades escritas. Eles foram extremamente dedicados na maioria das vezes, mesmo que para eles fosse algo novo que literalmente estava sendo apresentado a eles pela primeira vez. As aulas foram propostas com a maior dinâmica possível, buscando valorizar as conversas antes, durante e depois das atividades escritas. Percebi que os alunos puderam compreender bem os conteúdos que foram propostos.

3.3.1 Relatório do gênero textual receita culinária

No dia 22 de abril de 2024, iniciei a aula cumprimentando os alunos e, como sempre, começamos a aula com um diálogo bom sobre a festa que tinha acontecido na aldeia. Perguntei a eles sobre os alimentos que foram feitos na festa intercultural no dia 18 de abril. Quando houve o diálogo os alunos Gabriel, Alaph e Enzo se sobressaíram, mesmo que só por querer que o horário passasse, eles comentaram não saber nada sobre a culinária e que gostariam de aprender mais sobre alimentos doces. Nesse momento percebi o interesse que eles tinham em saber mais sobre os alimentos tradicionais, mesmo que apenas sobre os alimentos doces. Disseram gostar muito do Epunupae doce e da paçoca de amendoim que trouxe para eles experimentarem. Uma das minhas estratégias de aula foi levar alguns alimentos aos alunos antes de irmos para a prática, para poder aguçar a curiosidade deles. Nesta turma, há alunos que gostam de se expressar, que têm uma opinião bem formada do que gostam e do que não gostam.

Propor um diálogo entre professor e alunos foi uma estratégia que deu muito certo, pois aqueles mais extrovertidos influenciaram os demais que são tímidos.

Com o diálogo concluído, fiz quatro perguntas que apenas alguns alunos responderam oralmente e entraram em discussão entre eles: Como você vê a cultura alimentar no seu povo? Conhece algo além do que foi estudado? Qual seu prato favorito? Se você fosse escolher uma receita especial ela seria doce ou salgada? Pedi aos alunos que escrevessem o que pensavam sobre essas perguntas e eles levaram de tarefa para casa, pois esse dia tínhamos apenas duas aulas de 45 minutos e eles não conseguiram concluir a escrita.

Ao fazer a correção da atividade, pude perceber o grau de dificuldade dos alunos em geral com relação a escrita e coerência textual. Me surpreendi de maneira positiva e negativa ao ler o texto dos alunos nos quais todos disseram não ter conhecimento nenhum sobre a culinária tradicional do povo Terena e que o primeiro contato vinha sendo na escola. Disseram estarem felizes em aprender e que experimentaram pouco na festa devido a grande quantidade de pessoas. Na escrita, os alunos citaram os alimentos que mais gostam e, dentre eles, o mais citado foi o Epunupae doce, o primeiro alimento que produzimos juntos em uma das aulas no ano anterior.

No dia 29 de abril de 2024, iniciei a aula cumprimentando os alunos e relembrando a aula passada. Conversamos cerca de uns 15 minutos antes da atividade, eu perguntei a eles sobre o gênero receita e sua estrutura. Eles timidamente disseram que o gênero receita é o mais interessante devido ser a maneira de ensinar a fazer algo que eles amam que é comer. O aluno Dennys disse que para ele é difícil por não saber nada de cozinha, mas que gostaria de aprender mais por gostar dos alimentos. O aluno Enzo disse não gostar de preparar, mas que também gosta de comer e que sua mãe faz para ele os alimentos que ele mais gosta. E assim seguimos a aula. Terminando o assunto, escrevi na lousa a estrutura do texto receita culinária, dando o exemplo da receita Epunupae:

- **Epunúpae**
- **Preparo:** 4 horas
- **Conservar na geladeira**
- **Rendimento:** 100 gramas
- **Ingredientes**
- 1 porção de milho doce.
- **Modo de preparo**
- Ponha no fogo uma panela para torrar o milho doce seco até que fique dourado por igual.

- Despeje o milho torrado aos poucos no pilão e vá socando.
- Peneire o milho socado.
- Sirva aos punhados.

Vendo a receita na lousa, os alunos puderam perceber que ela é composta por partes que conversamos antes: ingredientes e modo de preparo. E essa estrutura tem importância para que a receita saia de acordo com o esperado. Escrevi essa receita na lousa para que os alunos pudessem observar sua estrutura e compará-la com alguma outra que eles já tinham visto ou feito. Nesse momento, os estudantes tiveram contato com a estrutura do gênero. Os alunos disseram entender o que a professora explicou sobre cada parte da estrutura do texto e sua importância. Passando dessa observação, escrevi na lousa seis perguntas para que pudessem compreender melhor a explicação oral passada a eles: 1. Quais ingredientes serão utilizados para fazer essa receita? 2. Qual é a finalidade do texto? 3. Quais são as etapas de execução da receita? 4. Este texto trata de quê? 5. Por que é importante seguir a ordenação das etapas que devem ser percorridas? 6. O que quer dizer “torrar milho até que fique dourado por igual”? Nessa atividade, os alunos responderam, alguns conseguiram terminar em sala e outros levaram para casa para terminar. Essas perguntas foram pensadas e levadas aos alunos para compreender melhor o que eles entendiam sobre a estrutura do texto receita e qual era seu nível de conhecimento adquirido sobre o gênero textual.

No dia 13 de maio de 2024, iniciei a aula cumprimentando os alunos. Perguntei sobre as atividades da aula passada e eles estavam sonolentos. Primeiro, fizemos a correção das atividades da aula passada com a colaboração de todos. Ao fazer as correções pedi aos alunos para ler cada um sua resposta e assim poderem comparar e ouvirem o que escreveram. Em alguns momentos, os alunos percebiam seu erro ortográfico; em outros, o colega percebia e colaborava com a escrita correta de algumas palavras. Esse tempo para os alunos é único, pois é um momento para compartilharem com os colegas a atividade que fizeram em casa.

Nesta aula, propus uma atividade para que os alunos entendessem melhor a forma de escrita do modo de preparo de uma receita. O nome da atividade é frase maluca. Escrevi na lousa algumas frases que os alunos utilizam em seu cotidiano como: “Vamos jogar bola” “Que horas é o lanche” “Quantos anos você tem?”. Escrevi de maneira desornada e ficaram assim: “Bola vamos jogar” “Lanche horas que é o” “Jogar vamos bola”. Os alunos, de forma divertida, foram ordenando-as uma a uma de maneira correta e assim compreenderam bem o que foi proposto.

Escrevi de forma desornada as frases que formam o modo de preparo de uma receita chamada KEHÁ KÓTUTIKEKO PÓHUTIKE ÍHAKU (Chipa de milho verde) e disse aos alunos para organizarem em seu caderno e assim me mostrarem quando as frases fizessem sentido com o modo de preparo da receita. Foram 4 frases que fizeram os alunos refletirem bem sobre como a coerência e coesão textual contribuem para uma boa compreensão de uma receita. As frases foram:

- Coloque em uma vasilha descasque a mandioca
- Em um pano de algodão para retirar o caldo rale e esprema
- As espigas de milho, limpe e rale descasque.
- Chamuscada uma panela de ferro com folha de bananeira forre.

Ao terminar de escrever, olhei para os alunos e perguntei se estava fácil? Foi visível na expressão facial deles que não estava tão fácil como tinham imaginado. Mesmo assim deixei que eles fizessem sozinhos em silêncio. Passados 10 minutos, os alunos Gabriel e Dennys conseguiram ordenar a primeira frase e vendo que os demais estavam confusos, levei a resposta dos meninos até a lousa e novamente expliquei como era para fazer e que essas frases foram retiradas da parte do modo de preparo de uma receita. Seguindo, deixei que os alunos tentassem mais uma vez. Nesta atividade, os alunos desenvolveram o raciocínio, pois usaram de suas habilidades de leitura e interpretação de palavras e frases. Deixei que eles fizessem por si, desafiando-os a ordenar de maneira correta para que descobrissem as suas reais habilidades e se esforçando o máximo.

O aluno Sopiãsy conseguiu ordenar a segunda frase e ficou tão feliz que a alegria dele contagiou a todos e disse uma frase que me deixou mais feliz ainda “professora, agora eu consigo fazer as outras” e foi sentar. Durante a atividade, os alunos entenderam o desafio e se empenharam em fazer. Vendo a empolgação deles, foram chegando um a um em minha mesa para correção com as atividades prontas e voltaram para suas mesas muito contentes em concluir essa atividade que, segundo eles, foi a mais desafiadora. Nesses momentos, desafiar os alunos é uma estratégia que faz parte de um processo de ensino e aprendizagem significativo, pois os estudantes quando se sentem desafiados, se esforçam mais querendo mostrar suas habilidades.

No dia 15 de maio de 2024, chegando na sala, cumprimentei os alunos e passei a eles uma folha impressa com um texto sobre sinais de pontuação. Nos anos anteriores que trabalhei

com esses alunos, observei que eles têm dificuldades com relação aos sinais de pontuação. Foi então que entreguei a eles em uma folha impressa com cada pontuação e suas funções, para que pudessem identificar como a pontuação influencia o ritmo, a clareza e o significado do texto. Antes da leitura individual, conversei com os alunos perguntando se eles sabiam ou não qual era a função dos sinais de pontuação e se lembravam qual era. Os alunos timidamente responderam que o ponto final é usado para finais de frases, e a vírgula e o ponto de interrogação foram comentado, mas não souberam dizer qual eram suas funções. Seguindo a aula, disse a eles que relembriaria, depois da leitura individual do texto, sobre os sinais de pontuação que passei a eles. Depois da leitura individual, os alunos leram cada um uma pontuação, uma leitura muito compassada em que todos compreenderam bem.

Para seguir o conteúdo, recriamos algumas frases na lousa para melhor entendimento dos alunos, usando frases que eles mesmos criaram e falam em seu cotidiano, frases como: Professora, que horas são? No refeitório há uma moça chamada Aline. Bepinere, bom dia a todos! Essas foram frases criadas por eles em sala de aula oralmente. Pude perceber quão inteligentes os alunos são, mas só dão atenção ao conteúdo quando as atividades são dinâmicas e desafiadoras.

Após a explicação sobre os sinais de pontuação, foi passada aos alunos outra atividade para melhor compreender o conteúdo. Foi passada a eles em uma folha impressa uma receita chamada: KEHÁ KÓTUTIKEKO PÓHUTIKE ÍHAKU (Chipa de milho verde). Nesta atividade, os alunos tinham que observar as pontuações e retirar frases do texto que tinha a pontuação:

- Duas frases em que foi utilizado ponto final.
- Uma frase em que foi utilizada uma vírgula.

Essa foi uma atividade que os alunos fizeram com muita facilidade e concluímos em sala de aula. Para este dia, como atividade complementar, pedi aos alunos que fizessem uma pesquisa com seus avós parentes ou alguém da aldeia que soubesse a receita de algum alimento tradicional do povo Terena e registrassem em seu caderno conforme a estrutura do texto receita trabalhada na aula. Deveriam trazer esta atividade na próxima aula para compartilhar com os colegas. A atividade de pesquisa em casa enriquece o conhecimento cultural do aluno, proporcionando a ele uma aproximação maior com os pais e membros da comunidade e fazendo com que ele valorize os anciões da comunidade.

No dia 03 de junho de 2024, chegando em sala de aula, cumprimentei os alunos. Conversamos sobre o alimento que íamos levar para a prática que era o bolo de mandioca. Essa aula foi pensada para que os alunos observassem o passo a passo de como uma receita é preparada e, assim, compreendessem. Na anotação da receita, foi explicada a estrutura composicional do gênero. Foi uma aula de campo onde a receita foi ensinada na residência da professora Areli. Dei algumas dicas de anotações e assim saímos de sala de aula e fomos até a roça do senhor Antônio Jorge (um ancião que hoje é bibliotecário da escola), que fica perto da escola, pois ele disponibilizou mandiocas para a nossa prática.

Chegando na roça, os alunos arrancaram as mandiocas com muita dificuldade devido à seca, mas conseguiram com muito esforço e técnicas (eles usaram o caule do pé de mandioca para cavar porque não tínhamos facão e nem enxada). E assim não fizeram tanta força na hora de puxar o caule. Terminando de arrancar o suficiente para o bolo de mandioca, voltamos para a escola onde o ônibus nos levou até a casa da professora Areli. Os alunos chegaram e uns já foram pegando faca e cascando a mandioca, enquanto outros arrumaram uma mesa para colocarem um balde e para colocar a casca da mandioca dentro para não jogar no chão. As mandiocas que já estavam cascadas, a aluna Gabriele estava ralando. Assim que todos terminaram de cascar as mandiocas, ajudaram a colega Gabriele.

Durante a execução desses processos simples em que todos estavam colaborando, pude ver que eles são muito animados e gostam muito do processo da prática bem mais do que a parte teórica, pois eles estavam atentos ao que iam fazer posteriormente. Segui o terceiro passo onde reuni todos em volta da mesa e perguntei qual eram os ingredientes que eles viam sobre a mesa e eles iam falando conforme eu ia mostrando.

Nessa primeira fase, eu fiz o bolo para que eles pudessem aprender. Eu ia fazendo, falando e perguntado a eles se entediam. Primeiro, batemos em uma batedeira: 3 ovos por cerca de uns 5 minutos até virar clara em neve, depois colocamos 2 copos de açúcar, $\frac{1}{2}$ copo de leite, $\frac{1}{2}$ copo de óleo, meia colher de sal. E, por fim, batemos novamente por cerca de 2 minutos até os ingredientes ficarem bem misturados. No final, colocamos os ingredientes batidos na massa de mandioca que os alunos ralaram. Pedi a eles que separassem a quantia que coubesse na forma e assim o aluno Sôpiasy separou em uma bacia onde foi possível misturar com a colher os ingredientes. Colocamos 1 colher de fermento de bolo e, assim, levamos para assar.

Depois que fiz o primeiro bolo, limpamos a bagunça e deixei que eles fizessem sozinhos o segundo bolo e foi divertido demais. Fiquei observando enquanto faziam juntos o segundo bolo. Tiveram muitas dúvidas, por mais que estavam atentos me observando fazer o primeiro bolo, se sentiram pressionados na hora de fazerem sozinhos a receita. Foi nesse momento que eu disse a eles como é importante fazer anotações. Cada um dizia uma coisa e a professora Areli (professora de Prática Cultural) sorria e auxiliava-os em momentos de apuros enquanto eu os observava. A minha correção só era quando via que estavam se equivocando com relação ao processo do preparo do bolo.

Os alunos concluíram com sucesso o bolo até o término da aula. Parabenizei os alunos pelo ótimo desempenho e segui dizendo que na próxima aula queria que escrevessem a receita no caderno conforme fizeram e assim encerramos. Nesta aula, os alunos desenvolveram a habilidade de trabalho em grupo e aprenderam muito compartilhando conhecimentos na prática da preparação do alimento. Eles conversavam sobre o processo de preparo e compartilharam dúvidas que tinham e foram tiradas durante a aula.

No dia 10 de junho de 2024, iniciei a aula com o bom dia rotineiro. Perguntei sobre o fim de semana dos alunos e assim, em uma conversa informal, pedi que entregassem a atividade sobre a pesquisa dos alimentos que eram para fazer em casa. Apenas dois alunos entregaram, os outros deram desculpas dizendo ter esquecido e assim seguimos. Nesse dia estavam presentes sete alunos. Registrei por foto a receita escrita por eles e coloquei na televisão para que todos pudessem ver e observar.

A primeira receita foi do aluno Dennys. Perguntei a ele quem ele tinha entrevistado e ele disse que perguntou à sua avó. Comentou um pouco sobre o alimento e disse não saber como é feito. Disse que não sabia que sua avó tinha conhecimento sobre comidas tradicionais. (A avó do aluno Dennys mora em MS e ele fez a pesquisa por telefone). A sua comida foi galinha Caipira com Guariroba, um alimento muito peculiar e, pelo que foi dito por ele, muito consumido por seus parentes em MS. Mesmo ele nunca tendo experimentado, disse não gostar de galinha caipira e sobre o palmito de guariroba ele disse nunca ter visto nem experimentado também.

Seguimos a aula depois dessa conversa com o aluno Dennys. Mesmo ele sendo um aluno muito tímido, ficou à vontade em compartilhar sobre sua primeira entrevista com os demais colegas. Eu li a receita com os alunos e perguntei a eles se tinham percebido algo na

receita do colega Dennys. Os alunos logo observaram que o colega se equivocou começando sua receita com o modo de preparo, ao invés dos ingredientes. Rapidamente o aluno Dennys se desculpou dizendo ter escrito rápido demais e disse também ter observado, mas que estava com preguiça de reescrever. Segui explicando novamente a importância da escrita correta e que saber os ingredientes antes do modo de preparo facilita muito a receita e assim eles continuaram, reescrevemos a receita na lousa conforme a estrutura correta.

A receita do aluno Dennys teve poucos erros ortográficos, somente alguns equívocos em algumas concordâncias de frases. Ele usou muito bem os verbos no imperativo. Embora o texto estivesse um pouco desestruturado, os alunos ajudaram a organizar na maneira correta. Com o texto exposto na televisão, os alunos ajudaram na correção. Eles foram muito espontâneos com relação ao uso dos termos corretos. Cada um leu, em silêncio, antes de opinar sobre o texto que estava exposto na televisão. O melhor foi que, ao ler a receita, o aluno Dennys observou seus erros e corrigiu, ou seja, apenas observar o texto na televisão já foi suficiente para que ele mesmo pudesse corrigir sem que eu precisasse falar. E assim a reescrita da receita dele foi muito produtiva, pois todos os alunos contribuíram.

A segunda receita foi do aluno Enzo Luan. Fiz com ele o mesmo processo. Registrei uma foto da receita que ele escreveu e projetei na televisão. Iniciei fazendo perguntas ao aluno, quem foi o entrevistado? E o que ele achou de aprender um prato diferente? O aluno disse ser um prato ensinado por sua mãe, disse também ser um prato tão simples que ele achou interessante. Ele contou que sua mãe, ao ensiná-lo, disse ser um prato do qual ela se alimentava quando criança e disse lembrar de sua infância quando pensava na comida. Ouvindo o aluno contando, os alunos disseram ter vontade de experimentar e rapidamente me pediram pra fazer o alimento com eles. Logicamente disse que sim, mas primeiro tínhamos que organizar os ingredientes, que são feijão de corda e farinha. O aluno escreveu de maneira muito objetiva e correta a estrutura, porém o modo de preparo ficou um pouco confuso e juntos, em sala de aula, fizemos a correção. Deixamos de forma que todos entendiam e tive ajuda de sua mãe para explicação, pois eu também não sabia como era o processo de preparo. No final, deu tudo certo e juntos entendemos como era o modo de preparo do feijão. Assim, encerramos a aula com um aprendizado gigantesco. Eu percebi que os alunos puderam compreender e diferenciar, mesmo com muitas dificuldades na escrita, como é escrever uma receita sozinhos e juntos em sala de aula.

Ao final desta atividade da sequência didática, preparei algumas outras atividades que motivassem os alunos a fazer leitura e também trazer a eles um pouco mais de conhecimento sobre a culinária tradicional. Pude perceber o quanto os alunos são esforçados em atividades dinâmicas e o quão produtivas foram as aulas.

Comecei as atividades dessa sequência didática conhecendo os alunos, observando seu grau de dificuldade na aula, para, posteriormente, preparar atividades que se encaixassem e ajudassem a todos. Na primeira atividade, os alunos estavam um pouco pensativos. Observei a atenção nos olhares, curiosidade quando falavam expondo o seu ponto de vista. Era vista a preocupação estampada no olhar de cada um, e nas perguntas que propunha a falta de conhecimentos sobre a culinária tradicional. Em cada atividade desenvolvida em sala de aula junto aos alunos, seja ela de discussão, conversas e atividades escritas, pude ver o avanço com relação à compreensão do tema e dos conteúdos trabalhados, uns mais outros menos, devido a frequência e a disponibilidade de cada um na sala de aula.

Ao final desta sequência didática, a atividade avaliativa foi o registro de uma receita. Os alunos deveriam pesquisar alguém da aldeia ou seus pais e perguntar sobre uma receita e escrever em seus cadernos.

Por fim, após o desenvolvimento de algumas atividades em que os alunos puderam reconhecer e se familiarizar com o gênero *receita culinária*, foi possível perceber um melhor entendimento por parte deles, além de momentos de diversão durante as atividades práticas propostas. Isso também permitiu observá-los com mais atenção e compreender os diferentes níveis de aprendizagem de cada aluno, o que contribuiu para que eu pudesse planejar atividades que realmente alcançassem a todos.

Esses foram momentos de muito aprendizado, nos quais os alunos puderam se aprofundar no tema e dar o pontapé inicial para as demais sequências didáticas. Assim, novas ideias e aprendizagens surgiram, especialmente aquelas que envolvem aspectos culturais.

A partir do trabalho desenvolvido nesta sequência didática, foi possível compreender que ensinar língua portuguesa a partir desse gênero textual favoreceu a aprendizagem dos alunos. Segundo Travaglia (2013, p. 4) o “**gênero** é um instrumento linguístico-discursivo devidamente estruturado, criado em uma esfera de atividade humana por uma comunidade discursiva, como uma forma eficiente de realizar a atividade em que o gênero tem um papel essencial.” Isso aconteceu porque o ensino de língua portuguesa surgiu a partir da ideia de

revitalizar a culinária tradicional. Nesse caso, as receitas culinárias foram os textos usados em todas as atividades propostas. Ao perceber que havia uma necessidade concreta naquele contexto, houve um empenho maior em seguir a perspectiva defendida por Travaglia (2013), segundo a qual o ensino de línguas não deve se limitar à gramática normativa ou a textos descontextualizados, mas deve atender à necessidade de inclusão e à compreensão de textos conforme suas funções sociais. Os alunos se surpreenderam ao perceber que a partir de uma simples receita ensinada por seus parentes podiam aprender a ler e escrever de maneira divertida e produtiva, observando melhor seu entorno e valorizando sua cultura.

3.4 Sequência didática do gênero entrevista

O gênero entrevista é caracterizado pelo diálogo entre duas ou mais pessoas, onde uma pessoa, o entrevistador, faz perguntas à outra, o entrevistado, que responde às perguntas com o objetivo de obter informações, opiniões, experiências ou relatos pessoais. Esse gênero é amplamente utilizado em meios de comunicação, como jornais, revistas, programas de rádio, televisão e mídias digitais, mas também pode ser explorado em contextos escolares e acadêmicos.

Quando esse gênero foi proposto aos alunos, pensou-se em explicar mais sobre esse gênero e sua importância perante a realidade da comunidade. Primeiro, foi apresentado aos alunos por meio de recurso multimídia, uma pequena entrevista retirada da internet e mostrado um pouco sobre as entrevistas de televisão. Foi questionado: Vocês conhecem esse tipo de texto? Onde vocês encontram esse tipo de texto? Sobre o que ou quem falava na entrevista que você leu? O que contém esse texto? Os alunos responderam e foi explicada a função da entrevista usada em diferentes contextos. Na conversa, foi explicado que a entrevista é um gênero que pode ser usado para buscar informações sobre a alimentação tradicional na comunidade. Os mais velhos podem ser entrevistados.

Na hora da elaboração do roteiro de perguntas falei sobre a importância de as perguntas serem bem precisas para o entrevistado entender e esclarecer todas as dúvidas que o entrevistador tem, e para que no final da entrevista consiga produzir um texto que informe bem os leitores.

Durante as aulas que ministrei, o gênero entrevista foi trabalhado de forma oral e escrita. Sempre priorizei trabalhar com os alunos a oralidade no início das atividades, porque assim consigo conhecer melhor os alunos. A partir da oralidade, consigo perceber melhor como eles

pensam e seus conhecimentos prévios. Os alunos foram indagados sobre qual é o papel do entrevistador. Também foi perguntado: Como o entrevistador deve agir durante uma entrevista? O que é mais comum durante as entrevistas, conversas formais ou informais? Assim, durante todas as aulas, os alunos refletiram sobre esses questionamentos.

As atividades do gênero entrevista foram pensadas para complementar a sequência do gênero receitas, ou seja, as entrevistas feitas envolviam totalmente a culinária tradicional. Os alunos, ao praticarem o gênero entrevista, puderam entender a partir da teoria e da prática, o quanto a entrevista é necessária para a compreensão de um assunto novo. Quando os levei à prática da entrevista, eles foram tão atenciosos e respeitosos sabendo da importância dos saberes tradicionais dos anciãos.

Com essa experiência, pude perceber que os alunos cresceram muito com relação aos conhecimentos adquiridos. Os alunos amadureceram intelectualmente, pois entenderam a importância das entrevistas na busca de informação sobre o tema pouco conhecido.

3.4.1 Relatório da sequência didática do gênero textual entrevista

No dia 12 de agosto de 2024, iniciei minha aula de língua portuguesa conversando com os alunos sobre seus conhecimentos prévios sobre a estrutura textual do gênero entrevista. Eles disseram que sabiam o que era, mas não sabiam dizer como é. Falaram sobre a entrevista do Jogador Neymar passada em uma aula antes das férias. Trabalhei com eles o gênero entrevista a partir de um conteúdo trazido pelo livro didático e, para complementar, levei a eles uma entrevista disponibilizada pela Netflix do craque futebolístico brasileiro Neymar Junior. Nessa entrevista, o jogador Neymar conta sua trajetória de vida e da profissão de jogador. Aproveitando o fato de os alunos lembrarem da entrevista passada em uma das aulas antes das férias, fiz perguntas sobre a entrevista do craque para que conseguissem compreender e entender mais sobre a estrutura do texto entrevista. Perguntei: Qual era o tema da entrevista? Como eles achavam que eram feitas as perguntas? Por que Neymar respondia tão calmo? Os alunos disseram que o ídolo deles era uma pessoa super calma mesmo com muitas pressões sobre ele. Disseram corretamente o tema.

Nessa conversa, consegui envolver todos os alunos e eles foram muito criativos nas respostas orais, um tentando superar o outro. Foi uma conversa em que os alunos aprenderam muito sobre o gênero de maneira despojada e divertida.

O gênero receita é sempre lembrado em todas as aulas por ser o foco da pesquisa e sempre que proponho um conteúdo novo, relembro com os alunos a receita culinária. Fiz uma comparação estrutural entre o gênero receita e o gênero entrevista antes de formalizar o assunto sobre o gênero entrevista. A turma ficou em silêncio e perguntei: Qual era a estrutura do texto receita? O aluno Alaphi disse “Título”, o aluno Enzo disse “Ingredientes” e o aluno Alaphi novamente disse “Modo de preparo”. E, assim, expressei minha alegria a eles dizendo estar feliz de terem respondido corretamente.

Para dar sequência à aula, escrevi na lousa a estrutura do gênero entrevista. Enquanto eles copiavam, puxei assunto. Perguntei se eles sabiam do que precisávamos para fazer uma entrevista. Nesse momento, todos começaram a contar algo relacionado a aparelho eletrônicos como celular e gravador de voz. Disse que não estavam errados e frisei a eles sobre a importância do consentimento da pessoa, e antes de gravar ou filmar a pessoa tem que consentir (aceitar) que sejam filmados ou gravados. Os alunos ficaram impressionados e disseram não saber que precisavam de permissão. Eu disse a eles que assim como a receita precisa de um título que é o nome da receita, a entrevista também precisa e que o título resume o tema que guiará a entrevista. O assunto do título fará com que os alunos tenham uma meta e não dispersem no momento da escrita. Anotei na lousa e assim continuei a aula. Disse aos alunos que ia colocar duas entrevistas para eles prestarem bem atenção: uma foi a do ídolo Neymar e outra seria uma entrevista de uma jornalista de Mato grosso do Sul, onde o entrevistado é uma mulher indígena que vende produtos de sua roça na feira de Campo Grande – MS.

Terminando, os alunos observaram na entrevista do Neymar que ele respondia as perguntas. Disse a eles a importância de escrever uma boa pergunta e ter uma meta que, no caso, seria não extrapolar o tema da entrevista. Terminado, comentaram sobre a entrevista da feira de MS dizendo que as indígenas Terena são muito inteligentes e que observaram que ela quase não falava e respondia as perguntas com respostas curtas.

Assim seguimos a aula, expliquei a eles os tipos de pessoas que eles iam encontrar. Disse que há pessoas que não gostam de serem filmadas e se sentem envergonhadas ao se depararem com uma câmera filmadora. Os alunos foram bem dinâmicos nessa aula, contribuíram e expuseram as opiniões deles, participando e tentando responder às perguntas feitas por mim, mesmo não sabendo às vezes a resposta. Essa primeira atividade sobre o gênero entrevista proporcionou aos alunos um segundo contato para alguns e o primeiro para outros. Mesmo sendo o primeiro contato com o gênero para a maioria dos alunos, eles foram muito

atentos e compreenderam bem o conteúdo proposto a partir das entrevistas levadas a eles. Foi produtivo, pois os alunos gostaram de dialogar e se expressar.

Para uma segunda atividade após o diálogo produtivo sobre as entrevistas assistidas, levei aos alunos entrevistas impressas. Nesse dia, estávamos em seis alunos e para cada dupla entreguei três tipos de entrevistas. A primeira foi sobre a vida de uma professora com perguntas respondidas por ela; a segunda, uma entrevista de emprego e, a terceira, uma entrevista com um jogador de futebol do Flamengo. Pedi a eles para ler e depois anotarem no caderno tudo que encontrassem sobre o que achavam que completaria a estrutura do gênero entrevista. Eles anotaram sobre as pontuações, perguntas, repostas e assim falaram também sobre a fonte, de qual jornal eu tinha tirado as entrevistas e o ano em que foram publicadas.

Anotei na lousa tudo que eles observaram e expliquei a eles sobre a importância que as pontuações têm nas perguntas e nas respostas. Relembrei a aula que estudamos sobre as pontuações que eles disseram lembrar. Fiz perguntas sobre as pontuações e eles responderam corretamente. Gosto de, em todas as atividades que levo aos alunos, sejam elas impressas ou não, sempre dialogar sobre o assunto. A partir do diálogo, os alunos se expressam e expõem o que pensam, e sempre são sinceros com relação ao aprendizado.

Expliquei aos alunos sobre a estrutura do gênero entrevista e sua composição: título, perguntas e respostas e eles compreenderam, dizendo ser fácil. Assim terminei a aula perguntando se eles tinham compreendido o que era estrutura e brinquei dizendo que não queria que eles trocassem a ordem da estrutura como fizeram com gênero receita. Eles riram e assim finalizamos esta aula muito produtiva, ao meu ver, pois os alunos, mesmo sonolentos e cansados, conseguiram entender bem o gênero entrevista. Os alunos não gostaram muito desta atividade, mas eu a fiz o mais dinâmica possível. Os alunos afirmam que não gostam de ler, mesmo entendendo a importância da leitura em sua vida. Sempre que levo atividade de leitura, fazemos leitura individual e coletiva para que os alunos possam compreender bem o texto.

Dia 19 de agosto de 2024 iniciei a aula cumprimentando os alunos que estavam bem animados. Eu voltei a explicação da aula passada, fazendo perguntas sobre a estrutura do gênero entrevista. Dois alunos voltaram das férias e estavam assistindo a primeira aula deles do 2 semestre. Por esse motivo, voltamos todos os conteúdos para que eles pudessem entender e não perdessem nada sobre o que havíamos estudado. É muito importante lembrar os conteúdos propostos em aulas anteriores, pois os alunos, na maioria das vezes, esquecem muito rápido os

conteúdos trabalhados. Por isso, sempre que vejo os estudantes dispersos, faço perguntas das aulas anteriores para que relembrem o que foi estudado e com isso as aulas são mais produtivas. Faço perguntas para que todos participem da aula.

Depois que expliquei com a ajuda dos alunos, disse a eles que faria um desafio. Permitiria que me fizessem uma pergunta sobre minha vida profissional. Eles riram e disseram que gostariam de fazer perguntas pessoais. Sorri, mas continuei dizendo que uma pergunta bem feita fará com que o entrevistado fale muito sobre o tema. Cada dupla teve direito a uma pergunta e eu respondi as três perguntas feitas a mim. As perguntas foram: Você gosta da sua profissão? Sente que está realizada sendo a profissional que é? Como foi estudar 4 anos fora da aldeia? Quais foram os seus maiores desafios durante a faculdade? Durante a aula, os alunos gravaram as respostas no celular e levaram para casa para escreverem no caderno e apresentarem na próxima aula. Esse dia foi muito produtivo, pois os alunos estavam muito atentos e fizemos vários ensaios de como fazer uma entrevista. Meus alunos são tímidos, eles raramente cumprimentam as pessoas. Nesta aula, ensinei a eles como chegar em um entrevistado gentilmente. Ensaíamos e treinamos a forma de se comportar em uma entrevista. Foi muito produtivo pelo fato de todos se esforçarem. Todos conseguiram e não tiveram dificuldades na transcrição da entrevista.

No dia 09 de agosto de 2024 iniciei a aula cumprimentando meus alunos do 9º ano do Ensino Fundamental. Comecei a aula escrevendo na lousa para relembrar o que é uma entrevista e suas características. Em seguida, conversamos um pouco sobre o gênero entrevista e assim provoqueei os alunos a fazer um *quiz online* sobre o gênero entrevista no site¹. Levou 40 minutos da aula, mas vi neles um entusiasmo por gostarem de jogos. Formaram duplas devido termos apenas 4 *Chromebooks*. Esse *quiz online* consiste em vários jogos dentro de uma plataforma *Wordwall*. Os alunos entram na plataforma e fazem um cadastro colocando seu nome e o nome da escola. Nela é cronometrado o tempo que o participante leva para responder às perguntas. E, assim, quem tem o tempo menor de resposta vai ficando no topo do pódio. Meus alunos custaram a entender o processo, mas quando descobriram, tornou-se um desafio para eles. Vibravam e queriam colocar nossa escola no topo, segundo eles. O jogo consiste em perguntas relacionadas ao gênero textual entrevista, são 10 perguntas e 12 modelos de jogos. Os alunos tinham algumas anotações no caderno e toda dúvida que eles tinham, eles me chamavam para

¹ Disponível em: < <https://wordwall.net/pt/resource/10712671/genero-textual-entrevista> > Acesso em: 09/08/2024

ajudá-los e assim percebi o quão produtivo foi esse dia de aula. Encerramos a aula com os alunos comemorando com a quantidade de acertos no *quiz* de perguntas *online*.

Figura 4 - Alunos escrevendo



Fonte: Acervo pessoal (2024)

Figura 5 - Alunos Jogando Quiz sobre o gênero entrevista



Fonte: Acervo pessoal (2024).

Dia 11 de setembro de 2024, iniciei a aula cumprimentando os alunos. Pedi aos alunos que lessem um texto retirado da internet² sobre a agricultura do povo Terena e entreguei a eles o texto em uma folha impressa.

² Disponível em: < [Terena - Povos Indígenas no Brasil \(socioambiental.org\)](http://Terena-PovosIndigenasnoBrasil(socioambiental.org)) > Acesso em: 11/09/2024

Primeiro, os alunos fizeram a leitura individualmente do texto sobre a agricultura do povo Terena de MS. Para essa primeira leitura, fiz um recorte do texto, elegendo apenas a parte sobre como era e como está a agricultura do povo Terena, devido ser um texto grande e abranger vários assuntos relacionados ao povo Terena de Mato Grosso de Sul. Percebi que os alunos tinham muitas dúvidas com relação algumas palavras de texto e pedi para que circulassem as palavras desconhecidas e fizessem a pesquisa de seus significados, assim releeram o texto novamente retirando as palavras que para eles eram desconhecidas. Encerramos a aula e essa atividade ficou como tarefa para ser finalizada em casa.

Figura 6 - Alunos lendo um texto sobre o que é agricultura Terena.



Fonte: Acervo pessoal (2024).

Dia 16 de Setembro de 2024, iniciamos a aula dando continuidade à atividade anterior. Nesta aula, propus aos alunos que fizessem a leitura do texto e retirassem palavras desconhecidas com o objetivo de ampliar seu vocabulário. Compreender as palavras é importantíssimo para que a leitura seja bem compreendida e os alunos desenvolvam habilidades essenciais de comunicação e autonomia no aprendizado. Depois que terminaram, lemos o texto parágrafo por parágrafo, enfatizando os pontos principais do texto e comentando sobre fatos e algumas dúvidas que os alunos tinham com relação aos significados de palavras e sobre a compreensão do texto. Fui explicando e conversando com eles e dando exemplos com alguns fatos sobre a nossa comunidade. Com isso, fui solucionando todas as dúvidas e curiosidades que os alunos tinham com relação ao texto. Essa atividade foi muito reflexiva para os alunos, pois a agricultura é uma atividade que eles conhecem, não é uma realidade rotineira, mas eles sabem como é processo de plantio e conhecem pessoas da aldeia que plantam.

Terminando o trabalho com texto, passei um documentário³ de 2 anciões Terena da aldeia urbana Água Bonita de Campo Grande – MS, onde a anciã fala sobre a importância do repasse da tradição alimentar e a importância de uma mãe ensinar sua filha a preparar nossas comidas típicas. Ao término da entrevista, comentamos sobre o documentário e os alunos disseram já terem visto, mas que gostaram de rever. Essa entrevista foi de grande complemento aos alunos, pois ajudou a organizar o pensamento deles sobre como é o processo de plantio. A colheita dos alimentos faz parte de um conjunto de estratégias e união. Comentei com os alunos que antigamente tudo era feito separadamente, sendo que as mulheres tinham seu trabalho e os homens o seu. Atualmente, temos na aldeia uma união maior, onde as mulheres ajudam os homens e vice-versa.

Terminando o papo sobre o documentário, pedi aos alunos que criassem uma pergunta ou curiosidade para entrevista com o ancião Antônio Jorge, um dos anciões mais velhos na aldeia e a única pessoa que ainda preserva a agricultura do povo Terena.

Quadro 1 - Perguntas elaboradas pelos alunos

Alunos	Perguntas feitas pelos alunos
Enzo Luan	Como era feito o preparo da terra antigamente e atualmente?
Gabriel	Além da mandioca e batata, o que mais era plantado na roça? Antigamente e Atualmente.
Dennys	Qual é o melhor mês para plantar e colher batata e mandioca?
Nongrã	Qual é o melhor mês para plantar o milho? Qual é o tipo de milho que você planta?
Alaphi	Como vocês lidavam com as pragas antigamente? E hoje como é?
Sôpiãsy	Além da roça vocês tinham outra maneira de sustentar sua família?

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

³Disponível em: < [Documentário "O Índio Velho: Memória Ancestral" - TERENA PARTE 1 \(youtube.com\)](https://www.youtube.com/watch?v=...) >

Acesso em: 16/09/2024

No dia 20 de setembro de 2024 realizamos a entrevista com o ancião. Os alunos disseram estar ansiosos e, por isso, antes da entrevista, reuni os alunos na sala de aula e relembramos todas as características do gênero. A primeira era saber sobre o que iríamos pesquisar, tínhamos que ter um tema bem definido. E, o segundo? perguntei a eles. O aluno Alaphi respondeu muito seguro: É se informar sobre o tema. Disse a ele: Muito bem, é isso aí. E seguindo, ressalttei a importância de escrever perguntas bem coerentes ao tema porque é a partir das perguntas que iríamos obter informações importantes para a escrita da reportagem. Perguntei aos alunos o que faltava para terminarmos nossa entrevista e o aluno Enzo respondeu: Acho que falta só a entrevista, professora. Eu disse: Exatamente. Mas, antes disso, preciso que aprendam como se portar perante o entrevistado. Chegando lá, sei que vocês o conhecem, mas precisam primeiro cumprimentá-lo, em seguida, perguntar se ele permite ser gravado e filmado. Se ele disser que sim, podemos gravar, senão temos que escrever tudo que ele falar.

Os alunos disseram estar surpresos e ressalttei novamente a eles que não devemos gravar ou filmar sem consentimento da pessoa, e caso isso aconteça pode ser considerado um crime. E crime, quem comete pode ser até preso. Essa foi uma das aulas em que os alunos mais esperaram. Assei batatas para levar de lanche para eles, incentivando-os ao hábito de comer comidas tradicionais.

A entrevista foi feita na casa do ancião Antônio Jorge, junto a professora Areli, professora de Prática Cultural e Tecnologia Indígena. Chegando lá, os alunos cumprimentaram os anciãos que estavam sentados à espera dos alunos. O senhor Antônio Jorge estava com sua esposa Maída Reginaldo (o casal estava tomando tererê). Antes de começarmos a entrevista, o Aluno Gabriel pediu a permissão do ancião para gravar a entrevista e, com a permissão concedida, ele sentou em frente ao ancião para começar a gravação. Seguimos um roteiro onde o aluno Enzo começou fazendo sua pergunta. O ancião respondeu a todos carinhosamente, sempre, em cada pergunta, aconselhando os alunos sobre a preservação do meio ambiente e também falando sobre a importância da valorização dos alimentos plantados na aldeia. Encerramos as perguntas com o aluno Sôpiâsy. Depois de tudo, os alunos agradeceram um a um o ancião e eu reforcei o agradecimento. Pedi uma foto ao ancião junto a todos os alunos e ele concedeu, e assim encerramos a entrevista degustando batatas assadas.

Os anciões Antônio e Maída, na hora da degustação, contaram histórias de quando eram crianças. Eles disseram aos alunos que se sentiam honrados em estar ali naquele momento de muito aprendizado. Esta aproximação dos alunos com os anciãos foi muito produtiva. Na aldeia,

essa reunião na qual os anciãos contam histórias e relembram o que viveram e se expressam, às vezes de maneira emotiva, está cada dia mais incomum. Os jovens estão mais distantes dos anciões. Esta visita proporcionou aos alunos uma memória muito linda e reflexiva para eles e para mim também como professora e como jovem estudante, sentar e ouvir os anciãos. Foi muito bom.

Figura 7 - Entrevista como ancião Antônio Jorge.



Fonte: Acervo pessoal (2024).

Dia 23 de setembro de 2024, iniciei a aula cumprimentando os alunos. Passei a eles um vídeo curto da internet⁴ para eles compreenderem bem o que é o gênero reportagem e terem um primeiro contato. Depois que terminamos de assistir o vídeo, perguntei a eles se tinham entendido o gênero reportagem, qual é sua função e sua importância. Conversamos sobre o assunto com os alunos que se mostraram sempre curiosos. Falaram suas opiniões sobre o gênero e enfatizaram a importância de escrever uma matéria verdadeira. Esta foi uma aula só de conversa em que os alunos obtiveram o primeiro contato com o gênero, esclareceram suas dúvidas e expuseram o seu ponto de vista.

Depois de terminarmos a conversa, pedi aos alunos que escrevessem as respostas do ancião às perguntas que eles tinham feito na entrevista. Apenas o aluno Nongrã terminou porque já tinha feito em casa a transcrição. Enquanto os outros transcreviam em seu caderno, eu sentei

⁴Disponível em: < https://youtu.be/k9EDaXAWuJw?si=IT7vD2tSPy4w_MmY > Acesso em; 23/09/2024

junto ao aluno para explicar sobre a importância da clareza em suas informações e assim ele resumiu bem a fala do ancião. A sua escrita produzida a partir da fala do ancião somou duas folhas de caderno. Essa aula proporcionou aos alunos a observação e, depois, como é a transcrição de uma entrevista oral, sabendo que há diferença entre a entrevista escrita e a gravada.

Cada atividade pensada nesta sequência didática teve como objetivo ampliar a compreensão dos alunos em relação à culinária tradicional, dando sequência ao tema e adaptando as propostas ao gênero entrevista. Cada momento da aula foi muito significativo, pois os alunos lembravam as atividades anteriores e, para eles, esse processo era o mais interessante, já que as atividades, embora semelhantes, estavam agora adaptadas ao novo gênero textual.

Ao longo das aulas, os alunos demonstravam cada vez mais interesse pelo tema. Surgiam curiosidades que enriqueceram as discussões e complementaram o aprendizado. As dúvidas que tinham no início do ano foram sendo esclarecidas aos poucos, com a participação ativa deles nas atividades desenvolvidas em sala de aula.

Ensinar o gênero entrevista aos alunos foi uma experiência muito produtiva. Por serem crianças curiosas, esse gênero não só os ajudou a compreender melhor como ler e interpretar respostas, mas também os incentivou a formular perguntas que realmente contribuíssem para obter resultados significativos em suas pesquisas. De acordo com Travaglia (2002, p. 39), o "ensino produtivo objetiva ensinar novas habilidades linguísticas. Quer ajudar o aluno a estender o uso de sua língua de maneira mais eficiente." Por este pensamento, o ensino de gêneros dá-se a partir de ações maleáveis, ou seja, cada aluno pode compreender e escrever à sua maneira desde que mantenha a funcionalidade do texto. Na sequência, outras atividades de reescrita podem deixar o texto adequado ao contexto de uso. E assim podemos destacar a importância de ensinar por meio de um ensino produtivo em que os alunos aprendam a usar a língua de maneira a ampliar o que eles já sabem, tornando-o mais críticos.

3.5 Sequência didática do gênero reportagem

A reportagem, gênero textual cujas esferas de circulação são jornais, revistas (impressas ou digitais), portais na internet, tem como objetivo informar fatos de interesse público. Para isso, as reportagens são escritas com base em diferentes tipos de informação e podem ser aprofundadas por meio de entrevistas, gráficos, infográficos, tabelas, para apresentar versões

ou informações sobre um mesmo fato, de modo a orientar e contribuir para formar a opinião do leitor. Sua forma composicional é composta por: título, introdução, corpo (desenvolvimento) e conclusão.

A reportagem é um gênero essencial para a compreensão crítica de temas complexos, pois fornece uma análise aprofundada, baseada em fatos, que enriquece o conhecimento e estimula o debate na sociedade onde os alunos aprendem a expor opiniões e a formular textos coerentes.

Esse gênero foi essencial para a produção escrita dos alunos, pois as atividades desenvolvidas foram de complemento ao gênero receita culinária, em que o produto se baseia também nas informações obtidas durante as aulas do gênero entrevista. Durante as aulas, os alunos entenderam mais sobre o tipo de linguagem em que o gênero se estrutura e assim conseguiram escrever algo sobre o que foi pesquisado. A pesquisa feita a partir da entrevista foi sobre a agricultura do povo Terena de MT. Os alunos precisavam saber mais sobre os produtos que são os ingredientes mais utilizados nas receitas culinárias tradicionais.

3.5.1 Relatório da sequência didática do gênero reportagem

No dia 26 de setembro de 2024, começamos a aula conversando sobre o texto e o fato de gostarem ou não de ler. O texto é um recorte de uma revista e os entrevistados são uma professora e alguns alunos que comentam sobre o fato da paixão pela leitura. Os alunos leram o texto silenciosamente e posteriormente lemos juntos, cada aluno leu 2 parágrafos do texto.

Depois que terminamos de ler o texto, os alunos fizeram silêncio. Observei a situação e comecei o bate papo. Perguntei se alguém gostava de ler? E todos disseram que não. Eu sorri e perguntei o porquê? Eles disseram não saber, mas que era chato, que preferiam mexer no celular. Perguntei se a leitura é importante? Todos disseram que sim. Perguntei se alguém da família gosta de ler? Apenas 1 aluno disse que sua mãe lê, e 2 alunos disseram que sua irmã lê e incentiva. Enfatizei aos alunos a importância da leitura. Disse a eles que ela é a janela para o conhecimento, que através dela podemos viajar e conhecer vários lugares a partir das leituras. Os alunos perguntaram se tem algum jeito de desenvolver o hábito pela leitura. Eu disse que sim, que para iniciarmos precisamos ter um foco, como por exemplo qual gênero você mais gosta: drama, terror, romance, ficção e outros. Que filme mais gosta? Quase todos os filmes tem um livro, citei a eles meus favoritos que são “Crepúsculo” e “Para todos os garotos que já amei”. Expliquei que quando gostamos de um gênero, ele chama a atenção da leitura, e para

um iniciante da leitura, isso é importante. O livro geralmente proporciona mais informações que o filme e prende o leitor na sequência da história. Incentivar os alunos a ler sempre foi meu foco principal, mesmo que às vezes eles canssem de ouvir a mesma coisa. Eu nunca canso de oferecer livros a eles.

Terminamos o assunto da leitura e perguntei aos alunos se notícia e reportagem são a mesma coisa. O aluno Enzo disse que são parecidos, que levam à mesma direção, mas que não sabe dizer em que são diferentes. Li com eles um trecho em que o autor Juarez Bahia⁵ comenta a diferença. Meu primeiro foco da atividade foi explicar a diferença entre reportagem e notícia, pois mesmo que os dois gêneros sejam fontes de informações, ou seja, textos informativos, cada um tem suas peculiaridades. Seus objetivos podem ser parecidos, mas sua estrutura composicional e modo de escrita são diferentes. Dei exemplos sobre algumas notícias aqui da aldeia e os alunos disseram entender. Para melhor compreensão do assunto sobre reportagem, os alunos pegaram o *Chromebook* e entraram no *site*⁶ e, assim como na aula sobre o gênero entrevista, os alunos fizeram um *quiz* sobre o gênero reportagem que proporcionou muito aprendizado a eles. O fato de eles gostarem de jogos ajudou e como era um *quiz* eles disputaram o pódio com alunos de outras escolas (escolas essas do Brasil inteiro) e isso aguçou mais o querer jogar e ganhar.

Os alunos levaram uns minutos para o término do jogo, pois são vários jogos de perguntas dentro do *site*. Depois que terminava um jogo, eles comentavam com os colegas e me faziam perguntas sobre o gênero e voltavam a jogar e assim a aula passou muito rápido e os alunos gostaram muito. Disseram aprender sobre o gênero e ainda pediram para jogar mais vezes. Quando levo jogos a eles, vejo que o interesse pela aula cresce, eles são meninos que gostam de ser desafiados.

⁵Disponível em; Fonte: jornal, História e Técnica – vol. 2. (parte do capítulo 3 – o que é reportagem) Juarez Bahia. São Paulo: Ática 1990.

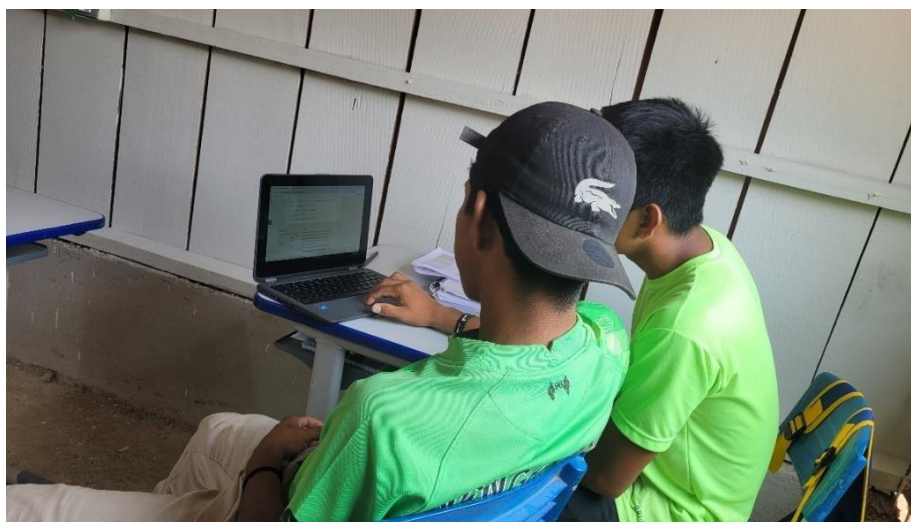
⁶Disponível em: < <https://wordwall.net/reportagem> > Acesso em; 26/09/2024

Figura 8 - Alunos jogando o quiz sobre o gênero reportagem.



Fonte: Acervo pessoal (2024).

Figura 9 - Alunos jogando o quiz sobre o gênero reportagem.



Fonte: Acervo pessoal (2024).

Figura 10 - Alunos jogando o quiz sobre o gênero reportagem.



Fonte: Acervo pessoal (2024).

No dia 10 de outubro de 2024, cheguei na sala de aula, cumprimentei os alunos e entreguei a atividade sobre o gênero reportagem. A atividade continha um texto sobre o gênero explicando minuciosamente tudo sobre o gênero e qual a diferença entre os gêneros notícia e reportagem. Embora os dois gêneros tenham a mesma intenção, que é informar o leitor sobre algo, não são iguais. Sempre começo a aula com uma leitura individual para que os alunos tenham um primeiro contato com o texto e a segunda leitura para uma maior compreensão e mais produtiva.

Terminada a leitura, os alunos fizeram uma atividade identificando a estrutura do texto com: Título, Introdução, Nome do repórter, Assunto que gerou essa reportagem, Nome de especialistas que apresentam opiniões na reportagem. Concluída essa atividade, pedi aos alunos que fizessem um texto sobre a mandioca ou o feijão de corda (feijão miúdo, feijão rasteira). Chamei o ancião Antônio Jorge para falar sobre os alimentos aos alunos e pedi para que anotassem no caderno o que eles achavam de interessante para colocar no texto como citação. O ancião veio e fez sua fala, os alunos somente ouviram o ancião. Os alunos estavam muito atentos para posteriormente criarem sua própria reportagem. Essa aula foi necessária para que os estudantes continuassem a escrita dos textos, pois um dos alimentos que também é plantado

e não foi mencionado pelos alunos foi o feijão de corda. Por isso, nesse dia, antes de entrarmos totalmente na escrita do gênero reportagem, convidamos o ancião para a sala de aula, ele contou aos alunos sua experiência de plantio e tudo que conhece sobre o feijão Kareoké.

Quando o ancião terminou sua fala, agradei pela sua disposição de vir até minha sala para esclarecer algumas dúvidas que ainda restaram nos alunos com relação aos alimentos feijão de corda e mandioca. Assim, o ancião se despediu e disse estar à disposição dos alunos se ainda restarem dúvidas.

Os alunos disseram que, agora sim, conseguiriam montar uma reportagem sobre o tema colocado na entrevista. O trabalho foi organizado assim: Enzo, Sopiãsy, Bepinere escreveram sobre o tema feijão de corda; Gabriel, Alaphi e Dennys escreveram sobre o tema mandioca. Disse a eles que deveriam ter como base a entrevista que acabamos de assistir, o texto seria a partir do gênero reportagem que tinham acabado de ler. Eles deveriam criar sua reportagem para uma primeira criação textual. Eu recolheria os textos e levaria para a correção. Expliquei sobre o título, a introdução, o corpo, o texto e as informações pessoais do entrevistador e entrevistado que também entram no texto. Os alunos disseram entender e assim iniciamos o texto a partir das 10 horas, após entrevista com o ancião. Apenas um aluno conseguiu terminar para ir para correção, o restante ficou como tarefa, e assim encerramos nossa aula. Esta primeira escrita dos alunos foi muito importante para que eles produzissem um texto bem escrito. Os estudantes gostam quando a professora leva o seu texto para correção e sempre dizem que arrasam na escrita.

Figura 11 - Alunos assistindo a palestra do ancião Antônio Jorge em sala de aula.



Fonte: Acervo pessoal (2024).

No dia 14 de outubro de 2024, iniciei a aula cumprimentando os alunos como de costume. Apenas dois alunos me entregaram a atividade de escrita do texto, o aluno Alaphi e o Enzo Luan, os demais disseram não ter feito a atividade porque esqueceram.

Perguntei aos alunos se tinham entendido o tema reportagem e alguns disseram que sim, mas a maioria disse que não. Disse aos alunos que, para a produção escrita, eles precisariam não só saber tudo sobre a entrevista, mas também saber a estrutura da reportagem. Levei a eles mais uma atividade com um texto sobre o que é o gênero reportagem, sua estrutura bem definida, e junto a ela atividades que reforçam a compreensão dos alunos encontradas em site⁷ retirado da internet.

Fiz a leitura com os alunos e eles opinaram sobre o texto, sua compreensão e também o que não entenderam. Por fim, conversamos sobre o texto e para que compreendessem bem fiz várias perguntas sobre o gênero. Alguns deles respondiam e perguntavam aos outros se estava correto. Isso foi proposto para que juntos eles compreendessem, de forma mais dinâmica, o gênero antes de passarmos para a atividade escrita. Por fim, a atividade escrita ficou para casa,

⁷ Disponível em: < <https://www.scribd.com/document/633491502/1%C2%AA-ATIVIDADE-REPORTAGEM-8%C2%BA-E-9%C2%BA-ANO> Acesso em;14/10/2024

mas foi um dia bem proveitoso. Os alunos colocaram-se a disposição das perguntas e também as respostas sobre o gênero que eles mesmos responderam.

Por ser um texto desconhecidos de alguns, tive que levar mais atividades para complementar a sequência didática, pois os alunos esquecem rápido o assunto. –Uma parte deles, não tem acesso a jornais, revistas, televisão ou *site* onde obtenham esse tipo de informação. Para que compreendessem bem o gênero, tive que levar a eles alguns recortes, dar exemplos de fatos que acontecem na aldeia e, assim, acredito que tenham compreendido bem o conteúdo pois conseguiram responder o questionário sobre o gênero reportagem.

No dia 16 de outubro, cheguei na escola e os alunos estavam animados com a atividade, mesmo ainda não escrevendo nada do texto solicitado na aula anterior sobre o título mandioca e feijão Kareoké. Os alunos fizeram a atividade sobre o gênero reportagem. A correção foi a partir de leituras. Eles liam e cada um falava sua resposta. Assim, corrigimos juntos na lousa. O objetivo desta aula foi compartilhar conhecimento e possibilitar a produção dos textos a partir da interlocução entre os alunos. Todos puderam contribuir e falar sobre as perguntas, independente das respostas. E foi uma aula em que nem vimos o tempo passar, muito produtiva em que todos participaram.

Dia 21 de outubro de 2024, cheguei em sala de aula, cumprimentei os alunos e fiz uma revisão com eles sobre o gênero entrevista e o gênero reportagem. Juntos relembramos atividades feitas nas aulas passadas. Propus aos alunos mais uma tentativa de escrita de reportagem, principalmente aqueles que não me entregaram a atividade anterior. Eles todos empolgados disseram que sim. Disse a eles que entrevistáramos a anciã Marta Roberto, moradora da aldeia Inamaty, pois ela teria as informações sobre como eram feitos os pratos tradicionais (feitos de coité) utilizados por eles quando criança. Disse aos alunos que teriam que ouvi-la bem atentos para que nossa produção textual fosse rica de informações.

Nesse primeiro momento, deixei os alunos a vontade para pesquisar utilizando *Chromebooks* e formular cada um uma pergunta para a entrevistada. A entrevista aconteceu na aula de Prática Cultural. Levamos os alunos até a aldeia Inamaty e lá sentamos em uma roda de conversa com a entrevistada Marta Roberto que, de forma simpática, nos recebeu com muito carinho.

Os alunos, antes de mais nada, cumprimentaram a entrevistada e pediram permissão para gravar. Com a permissão concedida, eles disseram a ela para contar como era no passado, como ela aprendeu a fazer esse prato e como é feito. Ela gentilmente detalhou aos alunos passo a passo como é feito o prato. Os alunos estavam atentos a todos os detalhes e com muita consideração a ouviram. Terminada a explicação, perguntei se ela tinha lembranças que

envolviam o prato que ela utilizava quando criança. Ela respondeu que tinha e que lembrava de sua mãe alimentando-a e seus irmãos com guisado de mandioca no prato tradicional (feito de coité). Ela disse também que seus filhos quando criança tinham, cada um, um prato de “pôko”, que é o nome que ela conhece e que identificamos atualmente como coité.

Terminada a entrevista, agradecemos a recepção e voltamos para escola. Os alunos estavam animados para a produção e assim seguimos até às 11 horas.

Figura 12 - Alunos entrevistando a anciã Marta Roberto da aldeia Inamaty.



Fonte: Acervo pessoal (2024).

Figura 13 - Alunos escrevendo sua reportagem sobre o coité.



Fonte: Acervo pessoal (2024).

No dia 23 de outubro de 2024, iniciei a aula de português cumprimentando os alunos. Como na aula em que fizemos a entrevista não estavam todos presentes, coloquei na televisão a entrevista feita no dia 21 com a anciã Marta Roberto da aldeia Inamaty. Foi uma entrevista curta, mas coloquei duas vezes para que os alunos relembassem bem a fala da anciã e quem não tinha participado pudesse compreender bem o assunto.

Depois que terminaram de assistir, conversamos sobre o vídeo e os alunos que não assistiram a entrevista pessoalmente disseram ter entendido bem a explicação da anciã. Explique novamente a eles sobre o gênero reportagem, escrevi na lousa a sua estrutura e os alunos afirmaram lembrar. Relembrar a estrutura composicional do texto aos alunos em todas as aulas foi essencial para que compreendam bem de que gênero textual estávamos falando. Terminando de escrever, disse a eles para que escrevessem a reportagem sobre o coité que na língua Terena chamamos de pokó e seu pé é chamado de Tutumaxi. Eles começaram a produção, mas nem todos conseguiram finalizar porque o tempo de aula é muito curto, apenas os alunos Gabriel, Enzo e Sôpiasy entregaram. E assim encerramos a aula do dia.

Devido a alguns acontecimentos ocorridos na aldeia durante este período de final de semestre, não teve mais aulas, só falei com meus alunos fora da escola. Todos entregaram os textos prontos do jeitinho que conseguiram produzir.

Ao final desta sequência didática, ficou evidente que o processo de escrita ainda representa um grande desafio para os alunos. Apesar de terem compreendido bem o gênero textual, expressado opiniões sobre o tema e demonstrado clareza quanto ao que pensavam e queriam comunicar, a etapa da escrita foi a que mais exigiu esforço e atenção.

A pesquisa foi realizada de forma presencial e os alunos entrevistaram pessoas que conheciam, como anciãos da comunidade. Sempre que surgiam dúvidas durante a escrita, eles retornavam aos entrevistados para esclarecê-las. Assim, aos poucos, conseguiram desenvolver os textos sobre o tema proposto: os principais alimentos cultivados pelo povo Terena.

O ensino por meio do gênero possibilitou formalizar o que já tínhamos iniciado no começo desta dissertação. Inicialmente, o trabalho com a reportagem foi um pouco confuso para os alunos, porém com a dinâmica das atividades e o esforço de cada um, conseguimos, através das informações coletadas, formalizar a escrita dos textos. Mesmo que com algumas dificuldades na elaboração, os estudantes produziram os textos e realizaram o trabalho de revisão. Conforme Travaglia (2002), ensinar com base nos gêneros, de forma crítica e

contextualizada, não significa abandonar a norma culta ou a escrita formal, mas sim ensinar esses elementos de forma mais consciente, funcional e integrada à realidade do aluno.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo desta pesquisa foi ensinar o português a alunos do 9º ano do Ensino Fundamental a partir dos gêneros textuais receitas culinárias, entrevista e reportagem. A problemática que norteou este estudo foi: Como a receita culinária da alimentação do povo Terena MT pode ser usada para ensinar português aos estudantes, proporcionando melhora na leitura e na escrita?

Para que os alunos compreendessem bem o ensino de Língua Portuguesa, preparei uma sequência didática para cada gênero. A partir delas, pude proporcionar um aprendizado significativo e divertido, permitindo que os alunos reconhecessem a importância da culinária para si e para seu meio cultural.

A proposta permitiu que os alunos desenvolvessem competências em diferentes esferas da comunicação. Por meio das receitas culinárias, eles trabalharam com verbos no imperativo, produção de frases, pontuação, escrita e revisão de textos. Nas entrevistas, puderam aprimorar habilidades orais e a formulação de perguntas, além de compreender o uso da linguagem em um contexto de diálogo. Já nas reportagens, os alunos exercitaram a escrita formal, a objetividade e a habilidade de relatar fatos de forma organizada e clara.

A culinária tradicional proporcionou aos alunos experimentar e aprender a fazer os pratos tradicionais, um tema até então desconhecido por eles. A culinária e a produção de conteúdo informativo facilitaram a conexão entre os anciãos e os alunos, fazendo com que os alunos obtivessem informações que estavam apenas na memória dos anciãos. Essa conexão entre jovens e adultos foi o que mais enriqueceu a pesquisa, os alunos valorizaram cada momento ao lado dos anciãos, que os recebiam sempre com um sorriso no rosto pelo prazer de suas visitas. O ensino e aprendizado do aluno em sala de aula tornou-se mais simples depois dessas visitas, eles lembravam e com um sorriso no rosto escreviam seguros sua opinião.

O uso combinado de gêneros receitas culinárias, entrevistas e reportagens demonstrou ser uma estratégia eficaz para promover o ensino da língua portuguesa de forma dinâmica e interativa. Cada gênero oferece características distintas que contribuíram para o desenvolvimento de diversas habilidades linguísticas: a estrutura direta e sequencial da receita, a formalidade e espontaneidade da entrevista, e a argumentação e objetividade da reportagem. Fazer essa conexão entre os três gêneros a princípio foi difícil, os alunos aprendiam na oralidade

e, quando era levada a teoria, eles ficavam em dúvidas e com muitas atividades e exercícios escritos e orais, foram aos poucos compreendendo como é a estrutura de cada gênero.

Cada passo percorrido durante essas sequências didáticas, em que o objetivo foi o ensino de português a partir dos gêneros culinária, entrevista e reportagem, mostrou-se uma metodologia inovadora e eficaz, promovendo um aprendizado contextualizado e multifacetado os alunos. Ao engajá-los em atividades práticas, reflexivas e críticas, a proposta conseguiu não apenas desenvolver competências linguísticas, mas também preparar os estudantes para lidar com a linguagem em diferentes contextos sociais e comunicativos, fortalecendo assim seu laço com a cultura culinária tradicional e promovendo uma bela lembrança de cada prato preparado. Cada entrevista feita aproximou mais os alunos dos anciões fazendo com que os conhecessem melhor e valorizassem mais cada memória compartilhada, e, através da escrita dos textos produzidos por eles, pudemos registrar um pouco de seus esforços ainda que o tempo tenha sido pouco para a realização da sequência didática reportagem.

Ensinar a partir de gêneros foi uma forma de levar aos alunos a prática cultural para dentro de sala de aula, ou seja, com base em situações reais de comunicação, eles puderam aprender a usar a linguagem de forma funcional, crítica e significativa. Ensinando, aprendi que o ensino não se limita a regras gramaticais, mas se amplia para preparar o aluno para interagir com o mundo real por meio da linguagem.

O produto final das três sequências didáticas foi um livro de receitas contendo três partes. Na primeira, apresentamos algumas receitas típicas do povo Terena de Mato Grosso; na segunda, organizamos uma sequência de textos produzidos pelos alunos do Ensino Fundamental 9º ano da Escola Komomoyea Kovôero a respeito da culinária tradicional, e na terceira, incluímos trechos de entrevistas feitas com anciões durante esse ano de pesquisa.

Partilhar momentos que eternizaram memórias culturais com meus alunos foi extremamente significativo. Cada sorriso e cada alimento preparado junto às anciãs foram experiências únicas que os alunos certamente jamais esquecerão. Saber que pude fazer parte disso me torna uma professora realizada, tanto pessoal quanto profissionalmente.

Do início ao fim deste processo, vivi momentos valiosos ao lado dos alunos e dos entrevistados, que enriqueceram minha forma de ensinar, fazer e aprender sobre a culinária tradicional do meu povo — um saber que, infelizmente, vinha se enfraquecendo com o tempo. Durante minha pesquisa de campo, fui recebida com tanto carinho que me senti profundamente

comovida. Conhecer e ouvir um pouco da história que cada prato típico carrega na memória das pessoas foi uma experiência transformadora. Isso me fez ainda mais feliz por poder proporcionar aos meus alunos esse contato direto com a cultura viva da nossa comunidade.

Por fim, esse projeto será contínuo, pois o que foi aqui trabalhado poderá alcançar mais alunos da Escola Komomoyea Kovôero por ser uma escola multicultural. Para que os alunos escrevam com mais precisão é preciso refazer essas sequências didáticas de forma ininterrupta.

CONSULTORES INDÍGENAS

CRUZ, Pedro figueiredo. **Entrevista sobre a culinária tradicional.** Aldeia Inamaty. Terra indígena Iriri. Município de Matupá-MT-2024

GOMES, Aristides. **Entrevista sobre a agricultura do povo Terena.** Aldeia Kuxonety Pokeé. Terra indígena Iriri. Município de Matupá-MT-2024

GOMES, Luciana Reginaldo. **Entrevista sobre a culinária tradicional.** Aldeia Inamaty. Terra indígena Iriri. Município de Matupá-MT-2024

JORGE, Antonio. **Entrevista sobre a agricultura do povo Terena.** Aldeia Kuxonety Pokeé. Terra indígena Iriri. Município de Matupá-MT-2024

JORGE, Marta Roberto. **Entrevista sobre a culinária tradicional.** Aldeia Inamaty. Terra indígena Iriri. Município de Matupá-MT-2024

REGINALDO, Maida. **Entrevista sobre a culinária tradicional.** Aldeia Kuxonety Pokeé. Terra indígena Iriri. Município de Matupá-MT-2024

REGINALDO, Angélica. **Entrevista sobre a culinária tradicional.** Aldeia Kuxonety Pokeé. Terra indígena Iriri. Município de Matupá-MT-2024

REFERÊNCIAS

- AGUILAR, A. M. G. C. **Sobre as práticas orais dos povos indígenas:** multiletramento na ponta da língua. Universidade Federal de Rondônia. 2016.
- BANIWA, L. G. S. dos. **O Índio Brasileiro:** o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje. 2006.
- BITTENCOURT, C. M. e LADEIRA M. E. **A história do povo Terena.** Brasília; MEC, 2000.
- BRANDÃO, H. H. N. **Gêneros do discurso na escola:** mito, conto, cordel, discurso político, divulgação científica. Cortez: São Paulo, 2011.
- BRASIL, **As leis e a educação escolar indígena:** Programa Parâmetros em Ação de Educação Escolar Indígena/organização Luís Donisete Benzi Grupioni. - Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Fundamental, 2001
- BRASÍLIA. **Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas/Ministério da Educação e do Desporto.** Secretaria de Educação Fundamental. MEC/SEF, 1998.
- CEREJA, W. R. e MAGALHÃES. T. C. **Texto e interação:** 3. ed. rev. e ampl, - São Paulo: Atual, 2009.
- CHIAPPINI, L. **Gêneros do discurso na escola:** mito, conto, cordel, discurso político, divulgação científica. Coordenadora Helena Nagamine Brandão. – 5 ed. São Paulo: Cortez, 2011.
- FAIRCLOUGH, N. **Analysing discourse: textual analysis for social research.** Londres e Nova York: Routledge, 2003.
- MARCUSCHI, L. A. **Gêneros textuais e ensino.** Editora Lucerna. Rio de Janeiro, 2002.
- MINAYO, M. C. de L. (Org.) **Pesquisa social:** teoria, método e criatividade. 19. Petrópolis: Vozes, 2001.
- SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. **Gêneros orais e escritos na escola.** Campinas: Mercado de Letras, 2004.
- SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. *et al.* **Gêneros orais e escritos na escola.** Trad. e Org. Roxane Rojo e Glaís Sales Cordeiro. São Paulo: Mercado de Letras, 2004.
- TRAVAGLIA, L. C. **Gêneros Orais – Conceituação e Caracterização.** Anais do SILEL. Volume 3, Número 1. Uberlândia: EDUFU, 2013.
- TRAVAGLIA, L. C. **Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática no 1 e 2º graus/** Luiz Carlos Travaglia – 8. ed. – São Paulo: Cortez, 2002.

SABORES E SABERES



da culinária Tradicional



Povo Terena-MT

Adima Gomes Mario

Sumário

APRESENTAÇÃO	3
FARINHA DE MILHO SECO EPUNUPAE	4
CHIPA DE MILHO VERDE – KEHÁ KÓTUTIKEKO PÓHUTIKE ÍHAKU	5
PAMONHA -YÚKUI	6
CURAU DE MILHO SALGADO	7
MILHO - SÔPORO	8
DIALOGO DE SABERES	9
BIJU – LÂPAPE.....	10
PAMONHA DE MANDIOCA -HÍHI.....	11
BOLINHO DE MASSA DE MANDIOCA	12
BOLO DE MANDIOCA.....	13
A MANDIOCA – XÛPU	14
DIALOGO DE SABERES.....	15
CAPITÃO.....	16
FEIJÃO KAREÓKE	17
DIALOGO DE SABERES.....	18
COITÉ – PÔKO.....	19
DIALOGO DE SABERES.....	20
DIALOGO DE SABERES.....	21
AUTORES	22



APRESENTAÇÃO

Este livro de receitas é um registro vivo da cultura e dos saberes tradicionais do povo Terena, habitantes originários de diversas regiões do Mato Grosso. Reunidas com carinho e respeito em sala de aula, as receitas aqui apresentadas são fruto de pesquisas realizadas nas aldeias Kuxonety Poke'é e Inamaty Poke'é, com a colaboração de anciãos, anciãs, cozinheiras e demais membros da comunidade. O livro é o produto de uma experiência de ensino de Língua Portuguesa desenvolvida com estudantes do Ensino Fundamental e Médio na Escola Estadual Indígena Terena de Komomoyea Kovoêro. A prática de ensino foi proposta e realizada no desenvolvimento da pesquisa de mestrado intitulada ENSINO DE PORTUGUÊS NA ESCOLA KOMOMOYEA KOVÔERO A PARTIR DE RECEITAS CULINARIAS TRADICIONAIS. A pesquisa faz parte do Mestrado Profissional do PPGECEII - Programa de Pós- Graduação Stricto Sensu em Ensino em Contexto Indígena Intercultural, da Universidade Estadual de Mato Grosso – UNEMAT. Mais do que apenas pratos típicos, este livro preserva histórias, modos de vida e conhecimentos transmitidos de geração em geração. Cada receita carrega consigo a memória afetiva e a identidade cultural do povo Terena, valorizando ingredientes locais, práticas sustentáveis e uma relação profunda com a natureza.

Este material pedagógico foi pensado para fortalecer o ensino bilíngue e intercultural, aproximando os estudantes de sua própria história e tradição, ao mesmo tempo em que convida leitores de fora a conhecer e respeitar a riqueza da culinária indígena.

Esperamos que este livro inspire o paladar e o coração de todos que o folhearem — e que cada prato preparado a partir dessas páginas seja uma celebração da resistência, da cultura e da sabedoria do povo Terena.

FARINHA DE MILHO SECO EPUNÚPAE

INGREDIENTES

Uma porção de milho seco

Sal ou açúcar a gosto

MODO DE PREPARO

Ponha no fogo uma panela para torrar o milho até que fique dourado por igual.

Despeje o milho torrado aos poucos no pilão e vá socando.

Peneire o milho socado.

Sirva aos punhados.



Foto Mario (2024): Alunos fazendo Epunupae, a comida esta sendo ensinada pela anciã Maida Reginaldo.

CHIPA DE MILHO VERDE - KEHÁ KÓTUTIKEKO PÓHUTIKE ÍHAKU

INGREDIENTES

1 Bacia de milho verde ralado.

Sal, cebolinha e folha de alho a gosto

1 Litro de óleo

MODO DE PREPARO

Descasqueas espigasde milho, limpe e rale.

Tempere com sal, cebolinha, folha de alho e misture bem.

Com o auxílio de duas colheres, coloque pequenas porções da massa para fritar em uma panela com óleo quente e frite até dourar.



foto Mario (2024): Chipa de milho verde pronto.

PAMONHA -YÚKUI

INGREDIENTES

1 Bacia de Milho

Sal ou açúcar a gosto

MODO DE PREPARO

Rale o milho e deixe separado a palha para fechar a pamonha.

Tempere com sal ou açúcar.

Corte a ponta da palha de milho e amarre um lado, com a ajuda de uma colher coloque aos poucos a massa de milho na palha e amarre-o bem firme.

Em uma panela grande ferva bem a água e vá colocando as pamonhas uma a uma após a fervura completa da água.

Deixe ferver por aproximadamente 40 minutos e retire com ajuda de uma escumadeira.



foto Mario (2024): Milho verde como principal ingrediente da pamonha.

CURAU DE MILHO SALGADO

INGREDIENTES

1 Bacia de milho

1 Copo de água

Sal a gosto

Alho a gosto

2 colheres de sopa óleo

MODO DE PREPARO

Rale o milho.

Coloque o óleo e o alho em uma panela e deixe dourar.

Em seguida vá colocando aos poucos todo o milho ralado o sal e a água. Mexa sem para até se soltar do fundo da panela



imagem ilustrativa.

MILHO - SÔPORO

O milho é uma planta muito consumida pelo povo Terena. Ela pode ser plantada no mês de setembro e outubro. O tipo de milho mais plantado pelos Terena antigamente Segundo o ancião Antônio Jorge são: Milho catetinho tipo de milho duro, serve para fritar e estourar. Milho sabôro que é mole e serve para fazer bolo. Milho Cunha é graúda e pode ser consumida cozida. Milho palha roxa serve para fazer remédio.

Texto feito pelo Aluno Nongrã Kayapó.



Desenho feito pelo Aluno Nongrã Kayapó

DIALOGO DE SABERES

Aristides Gomes ancião que tem muita habilidade com o plantio. O senhor Aristides ao se casar com Angélica teve nove filhos e diz que desde sempre teve roça, foi o sustento de sua família por vários anos na comunidade indígena em Mato Grosso do Sul. *“Setembro é o mês de plantar milho. Milho asteca. Milho cunha. Saboró de fazer bolo. Tempo que plantava ele era por cubico. Rama também. Rama se planta no mês de outubro, na nova de outubro, primeira chuva que der. Para colheira são 6 meses abril já da pra rancar ele.”*

“Tem arroz de 3 meses planta em setembro, outubro, novembro, dezembro conforme vai janeiro já colhe. Tem arroz de 4 meses planta em janeiro e colhe abril. Eu sempre plantei arroz. Banana também planta em setembro, sempre tenho plantado.”



Foto; Reginaldo (2024). Ancião Aristide e sua esposa Angélica

BIJU - LÂPAPE

INGREDIENTES

1 Porção de mandioca

Sal a gosto

MODO DE PREPARO

Descasque a mandioca lave e coloque em uma vasilha. Rale e esprema em um pano de algodão para retirar o caldo. esfarele a massa seca de mandioca ralada. Adicione sal e amasse. Leve ao fogo um tacho ou uma frigideira grande e deixe esquentar. Coloque a massa de mandioca e espalhe bem formando um grande circulo, sem deixar muito grosso e tampe a panela. Quando o Biju estiver soltado o fundo da panela vire-o para dourar o outro lado. Coma com a mão, rasgando em pedaços.



Foto Mario (2024): Aluno Sopiäsy Panará arrancando mandioca



Foto Mario (2024): Alunos cascando mandioca para o preparo do Biju.

PAMONHA DE MANDIOCA-HÎHI

INGREDIENTES

1 porção de mandioca

Folhas de bananeira para embrulhar

Folha do coqueiro bacuri para amarrar

MODO DE PREPARO

Passe as folhas de bananeira e bacuri pelo fogo para chamuscar de leve. Descasque a mandioca, lave e coloque em uma vasilha. Rale e esprema em um pano para retirar o caldo. esfarele e amasse a massa de mandioca . faça bolas com a massa de mandioca. Embrulhe as bolas em pedaços na folha de bananeira chamuscada e amarre com as tiras de folha de bacuri como um pacotinho. Despeje os pacotes em uma panela de água fervente de forma a ficarem cobertos até cozinhare.



Foto Mario (2024): Mandioca ralada, mandioca ralada em fomas de bolas, folha de bananeira efolhade bacuri

BOLINHO DE MASSA DE MANDIOCA

INGREDIENTES

1 Porção de mandioca
Folha de Alho e cebolinha a gosto
2 ovos
Sal a gosto

MODO DE PREPARO

Descasque a mandioca lave e coloque em uma vasilha. Rale e esprema em um pano de algodão para retirar o caldo. Esfarele a massa seca de mandioca ralada. Adicione sal, ovos, folha de alho e cebolinha e amasse fazendo bolinhos com as mãos . Leve ao fogo um tacho ou uma frigideira grande com óleo e quando estiver bem quente vá colocando os bolinhos e espere-os dourar dos dois lados. retire com a ajuda de uma escumadeira.



Foto; MARIO, 2024. Alunos descascando mandioca.

BOLO DE MANDIOCA

INGREDIENTES

- 1 Raiz de mandioca
- 1/2 copo de óleo
- 4 ovos
- 1/2 copo de água
- 1 copo de Açúcar
- 1/2 colher de sal
- 1 colher de fermento para bolo

MODO DE PREPARO

Descasque a mandioca lave, rale e deixe separado em uma vasilha. em uma batedeira coloque os ovos e bata, quando os ovos formarem em neve vá colocando os outros ingredientes açúcar, óleo e a água e bata por mais 2 minutos. coloque a massa da mandioca, sal e fermento na batedeira e bata com ajuda de um fouet ou uma colher. Feito isso, despeje a massa do bolo em forma untada com óleo e trigo e leve ao forno pré- aquecido em temperatura média (180°C) deixe assar por 45 minutos.



Alunos com a forma de bolo de mandioca nas mãos.

A MANDIOCA - XÛPU

A mandioca é muito conhecida pelo indígena Terena e já foi um de seu principal alimento, ela era, e ainda é, utilizada para fazer bijú, farinha, hîhi dentre outros alimentos.

Ancião Antônio Jorge diz; *“o preparo da terra é julho e agosto, o mês do plantio é em setembro no início da chuva”*

Hoje em dia a mandioca é pouco consumida pelo povo Terena, pois são poucos que a plantam, na aldeia Kuxonety somente o ancião Antônio Jorge ainda mantém essa tradição de plantio.

Texto Aluno Alaphi Rondon Reginaldo



Desenho feito pelo aluno Alaphi Rondon Reginaldo.

DIALOGO DE SABERES

Antonio Jorge um ancião que mantêm a agricultura indígena Terena a moda antiga, respeitanto e preservando o meio ambiente. O ancião é um incentivador de formação de roça tradicional.

“Eu sempre falo para os meu netos, se vocês querem estudar tem que dedicar a estudar, encaram com fé e coragem. manter sempre o foco naquilo que vocês querem. Agora a roça não, você pode estar aqui, ai você decide vou carpir aquele pedaço e decide plantar algo, dinheiro tá guardado ali, é só plantar e deixar a terra fazer sua parte. você não precisa limpar todo dia, só a primeira vez depois seu dinheiro fica ali enterrado, mas tem que trabalhar. você não precisa estar trabalhando madrugada até a noite, pega ali algumas horas do dia só pra limpar, a vida que eu levo é muito tranquila eu sou meu patrão vou pra roça e volto a hora que quero e assim vivo bem graças a Deus.”



Foto; MARIO, 2024. Alunos juntos ao ancião Antônio Jorge em uma entrevista na casa do ancião na Aldeia Kuxonety pokeé

CAPITÃO

INGREDIENTES

Farinha Feijão de corda
folha de Cebolinha e
Alho Sal a gosto

MODO DE PREPARO

Cozinhe o feijão sem pressão por cerca de 20 minutos.
depois tempere com alho, cebolinha e sal a gosto.
Coloque mais um pouco de água e deixe cozinhar por
mais 10 minutinhos.
Por fim coloque a farinha junto ao feijão e modele-o com
as mãos.



foto Mario 2024: Imagem do alimento chamado capitão.

FEIJÃO KAREÓKE

O feijão é conhecido como feijão miúdo, feijão de corda dentre outros tipos de nomes, já o povo Terena conhece-o por Kareóre. O ancião Antônio Jorge disse: O feijão miúdo é plantado no mês de setembro devido o começo da chuva, assim lidando com menos praga e também é chamado de feijão de corda devido ser espalhado pelo chão.”

Vejo que o plantio de feijão de corda é muito importante para o alimento tradicional do povo Terena, mas é pouco cultivado na aldeia Kuxonety Poke'é.

Texto feito pelo Aluno Enzo Luan Mario Gomes



desenho feito pelo Aluno Enzo Luan Mario Gomes

DIALOGO DE SABERES

Maída Reginaldo anciã que compartilhou junto aos alunos sua experiencia culinária tradicional conta que tudo que sabe aprendeu com sua mãe.

Diz;

“ Quando era pequena meu pai plantava mandioca e nós comia mais era assado de manhã. Almoço era bijú (lapêpe) e algumas frutas que tinha lá também”

....

“uma lembrança sobre a comida é que tudo que sei aprendi com minha mãe, única coisa que não aprendi fazer foi torrar farinha, mas aprendi tudo que sei com ela”

...



Foto; MARIO (2024). MaídaReginaldo ensinado os alunos a socar pilão

COITÉ - PÔKO

Antigamente o povo Terena tinha como prato (utensílio de servir comida) o coité, para faze-lo é preciso corta-lo bem ao centro e em seguida retirar o que tem dentro dele. depois ferve-lo para não ficar com mau cheiro. Marta Roberto disse: “Quando eu morava no Mato Grosso do Sul, cheguei a fazer para minhas crianças quando morávamos lá, cada um deles tinha um prato feito de coité. Então era nosso prato antigamente.” Da mesma maneira que nossos antepassados aprenderam e ensinaram nossos avós e pais a fazerem os pratos tardicionais, acredito que esse onhecimento não deva ser esquecido para que no futuro possamos repassa-los aos nossos filhos e netos, fazendo com que nossa cultura prevaleça, e que nossos avós se orgulhem desta geração ao nos ver aprendendo e repassando o que eles nos ensinaram com muito amor e carinho.

Texto escrito pelo aluno Gabriel Jorge



Foto MARIO. (2024). Crianças indígenas Terenas comendo no coité “pôko”.



DIALOGO DE SABERES

Marta Roberto uma anciã Terena, se prontificou a compartilhar um pouco de sua experiência tradicional sobre; com fazer o prato do coité. Relatou em vários momentos de sua entrevista o carinho que tem pelo prato e disse ter feito aos seus filhos mais velhos quando criança.

“Eu mesma, quando eu era pequenininha, eu mesma comi, cheguei a comer nele, né? Porque aquilo era nosso prato, aquele pocó. Então, meu pai cortava ele, nem era com serrinha, era com serrote que meu pai cortava, né? Esse pocózinho pra nós aí, o jeito que a pessoa quiser fazer, né? Quer cortar ele pelo meio, né? É conforme a pessoa quer, o jeito da pessoa, né? Então, meu pai limpava, cortava ele, fazia prato pra nós, né? Cada um de nós tinha aquele pratinho pra nós comer.” ... “E eu também fiz para as minhas crianças quando eu morava no Mato Grosso do Sul. O Nego, e a Juliana, a Geiele, né? Cada um deles tinha um pratinho naquela época. Então, isso era o nosso prato antigamente. Eu cheguei até a dar para as minhas crianças também, né? Não era só eu que comia, meus filhos também comiam. Os meus filhos mais velhos, né? Chegou a comer neles. Agora, esses outros não comeram neles. Quando eu vim para o Mato Grosso, né? Eu não fiz mais esse”



DIALOGO DE SABERES

Os alunos ao serem questionados sobre gostarem ou não das aulas que envolveram a culinária tradicional me surpreenderam positivamente com suas respostas.

“Eu aprendi a receita e aprendi a falar o português”

...

“Bom para mim aprender sobre a culinária tradicional do meu povo terena foi uma honra, pois a muito tempo essa tradição não era mais vista nos povos indígenas Terenas de Mato Grosso, então eu fui privilegiado em estar aprendendo mais sobre a culinária do meu povo Terena ”

....

“Hoje em dia a comida típica não estão presentes nas comunidades Terena de Mato Grosso, mas minha professora esta trazendo os costumes nativo novamente”

...

“Então as aulas de culinária foram bastante importantes para fortalecer as raízes da nossa cultura Terena, foi muito bom os momentos de aulas práticas por conta da diversão com os amigos e sem fugir do assunto da aula

...

“Para mim, aprender algo da culinária tradicional foi uma coisa totalmente nova e incrível que vou lavar para resto da vida. A lembrança mais carinhosa que eu tenho foi quando a Tia Maida nos ensinou a fazer beju.”



AUTORES

Adima Gomes Mario

Alunos:

Alaphi Rondon Reginaldo

Dennys Gabriel Campos

Enzo Luan Mario Gomes

Gabriel Jorge Manoel

Sopiãsy Panara

Nongrã Panará

Professores Colaboradores:

Areli Mario Gomes

Sila Reginaldo

Anciões colaboradores:

Antonio Jorge

Angélica Reginaldo

Aristides Gomes

Maida Reginaldo

Marta Roberto

Luciana Gomes Reginaldo